

PUC  
RIO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



NÁDIA MARIA FERREIRA SÉRIO

UM EXAME DAS RELAÇÕES ENTRE  
O EGO E O SUPEREGO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Rio de Janeiro, dezembro de 1984.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

COLEÇÃO DE TESES

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

ORIENTADOR

Dr. Armando Liberman

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

N.Cham. 150 S485e TESE UC

Título: Um exame das relações entre o ego e o superego



Ex.1 PUCB 0008425

NÁDIA MARIA FERREIRA SÉRIO

UM EXAME DAS RELAÇÕES ENTRE

O EGO E O SUPEREGO

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador:

Dra. Anamaria Ribeiro Coutinho

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, Dezembro de 1984



## SUMMARY

In this work we study the relationships among psychical instances. We emphasize that the mental apparatus is structured in two times - philo and ontogenetic - from its relationships with three external structures: the endo - somatic world, the material reality and the language.

The Ego - in its origin, structure and dynamics - is the result of the secondary processes of thought. The external reality intervenes in this process of secundarization of the primary processes as object of the perceptions and as model of the identifications; while normative reference it is updated by the interpersonal relations. These are established philo and ontogenetically, through identifications with the representations of the 'other' - perceived in discriminated form or not.

It is through the constitution of the Ideal of the Ego that it's possible to overcome the individual narcissism (by the external reality influence now also internalized), and increase the degree of social insertion.

The social structure determinants are articulated with the biological specie determinants by the relationships between the Ego with the Super - Ego. The tension between them is expressed by the sense of guilt.

## RESUMO

Estudamos neste trabalho as relações entre as instâncias psíquicas do aparelho mental. Enfatizamos que o psiquismo é estruturado em dois tempos - filo e ontogenético - a partir de suas relações com três outras estruturas: o mundo corporal, a realidade externa e a linguagem.

O Ego - em sua origem, estrutura e dinâmica - é o resultado dos processos secundários de pensamento. A realidade externa intervém neste processo de secundarização dos processos primários como objeto das percepções e como modelo das identificações; enquanto referência normativa ela se atualiza nas relações interpessoais estabelecidas, filo e ontogeneticamente, a partir das identificações com as representações do 'outro' seja ele percebido de forma discriminada ou não.

É através da constituição do ideal do ego que se torna possível a superação do narcisismo, individual (pela influência da realidade externa agora também internalizada), e um grau maior de inserção social.

São as relações entre o Ego e o Superego que articulam os determinantes da estrutura social com os da espécie biológica. A tensão entre eles encontra expressão nos sentimentos de culpa.

Meus agradecimentos

a CAPES pela bolsa de estudos recebida.

ao Dr. Carlos Paes de Barros a minha gratidão  
pela sua generosa acolhida e, dedicada orienta  
ção em todos estes anos de estudos.

a Clara Helena Portella Nunes o reconhecimento  
de uma reconstrução pessoal.

aos meus pais, Maria Conceição Ferreira Sêrio  
e Moacyr Pompeu Sêrio.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO. . . . .	
PARTE I - A 'PSICOLOGIA SOCIAL' FREUDIANA. . . . .	
CAPÍTULO 1 - <i>TÓTEM E TABU</i> (1912). . . . .	1
1.1 - Considerações Gerais . . . . .	1
1.2 - Tabu como Protótipo da Lei e da <u>Re</u> <u>pressão</u> . . . . .	5
1.3 - A Ordem Social . . . . .	11
CAPÍTULO 2 - <i>PSICOLOGIA DE GRUPO E ANÁLISE DO EGO</i> (1921)	15
2.1 - Considerações Gerais . . . . .	15
2.2 - O Amor como Poder e o Poder do Amor.	18
2.3 - A Identificação. . . . .	22
CAPÍTULO 3 - <i>O FUTURO DE UMA ILUSÃO</i> (1927). . . . .	25
3.1 - Considerações Gerais . . . . .	25
3.2 - Civilização: Presente e Futuro . . . . .	25
3.3 - A Ilusão. . . . .	29
CAPÍTULO 4 - <i>O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO</i> (1930/1929)	33
4.1 - Considerações Gerais . . . . .	33
4.2 - A Felicidade Possível. . . . .	34
4.3 - Os Sentimentos de Culpa. . . . .	37
PARTE II - <i>RELAÇÕES ENTRE AS INSTÂNCIAS PSÍQUICAS</i>	
CAPÍTULO 1 - <i>CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O CONCEITO DE</i> <i>EGO</i> . . . . .	47
1.1 - Projeto para uma Psicologia Científi <u>ca</u> (1950-1895) . . . . .	49



1.1.1 - Ego. . . . .	49
1.1.2 - Processos Psíquicos Primários e se cundários em Psi pallium . . . . .	56
CAPÍTULO 2 - <i>A Interpretação dos Sonhos (1900/1899)</i> . . .	60
2.1 - Considerações Gerais . . . . .	60
2.2 - Os Processos Psíquicos Primários e Secundários. . . . .	61
CAPÍTULO 3 - <i>SOBRE O NARCISISMO: UMA INTRODUÇÃO (1914)</i> . . .	70
3.1 - Considerações Gerais . . . . .	70
3.2 - Narcisismo Primário e Secundário . . . . .	72
3.3 - Libido Narcísica e Libido Objetal. . . . .	74
3.4 - Ego Ideal, Ideal do Ego e, Agente Au to-Observador. . . . .	77
CAPÍTULO 4 - <i>O Ego e o Id (1923)</i> . . . . .	81
4.1 - Considerações Gerais . . . . .	81
4.2 - O Ego e o Id . . . . .	86
4.3 - A Identificação. . . . .	91
4.4 - O Ego e o Superego . . . . .	97
4.5 - As Relações entre o Ego, o Superego e o Id. . . . .	106
CAPÍTULO 5 - <i>CONFERÊNCIA XXXI: A DISSECAÇÃO DA PERSONA             LIDADE DE PSÍQUICA (1933/1932)</i> . . . . .	113
CONCLUSÕES. . . . .	116
APÊNDICES . . . . .	121
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. . . . .	125

## INTRODUÇÃO

Nosso estudo se iniciou com três questões levantadas no projeto inicial de dissertação: O que é o social na Psicanálise? Existe uma "teoria social" na Psicanálise? Quais são os parâmetros de variação de sentido do conceito de social que se encontram na obra de Freud?

Realizamos algumas leituras e reflexões tentando encontrar um eixo teórico que nos permitisse ter uma visão crítica do problema. Porém, nos deparamos com a necessidade imperiosa de abordar as contribuições da Psicanálise clássica antes de tentar acompanhar as leituras críticas e os esforços de contextualização da obra de Freud.

Neste processo de focalização de nossa atenção sobre os aspectos mais pertinentes para este tipo de questionamento foram particularmente importantes quatro trabalhos considerados, comumente, como de 'Psicologia Social' psicanalítica: *Tótem e Tabu*, *Psicologia de Grupo*, *O Futuro de uma Ilusão* e *O Mal-Estar na Civilização*. Esta a razão pela qual os incluímos em uma primeira parte.

Neste segundo percurso de leituras e reflexões pareceu-nos que o ponto de partida para o nosso trabalho de pesquisa teria que estar centrado no estudo da dicotomia entre os processos psíquicos primários e secundários e na relação dos conceitos de Ego e Superego. O roteiro marcado por esta constatação conduziu-nos ao preparo da segunda parte desta dissertação fundamentada na leitura e discussão de cinco textos que se impuseram como os mais relevantes: *Projeto*, *A Interpreta-*

*ção dos Sonhos, Narcisismo, O Ego e o Id e a Conferência XXXI.*

Finalmente, nas Conclusões tentamos problematizar as relações de dependência entre as instâncias psíquicas e a sua relevância para uma possível "teoria social" da Psicanálise.

PARTE I

A 'PSICOLOGIA SOCIAL' FREUDIANA

## CAPÍTULO 1 - TÓTEM E TABU (1912)

### 1.1 - Considerações Gerais:

Em cartas à Ferenczi,<sup>1</sup> Freud se refere à *Tótem e Tabu* como "o melhor trabalho que já escrevera", "o mais audaz", "o mais importante" e, "o que mais lhe despertava um sentimento de convicção desde *A Interpretação dos sonhos*. Strachey nos informa que, dentre todos os ensaios que o constituem, Freud preferia o IV tanto pelo seu conteúdo como pela sua forma.

De fato, as idéias aqui expressadas o acompanharão em todos os seus trabalhos posteriores e, marcam o ponto de transição no âmbito e alcance da explicação psicanalítica: "da atividade mental de homens individuais para as funções psíquicas de comunidades e povos, isto é, da psicologia individual para a de grupo..."<sup>2</sup> Entretanto, ainda hoje, é a sua obra mais polêmica e contestada.

É tendo em vista a consolidação do reconhecimento iniciante do valor das contribuições até então realizadas pela Psicanálise, por um lado; e, por outro, a necessidade de reelaborar o conhecimento já alcançado, que Freud se dedica ao estudo da origem da ordem social.

A escolha do totemismo como modelo para a compreensão da instituição social, aprendida com os antropólogos da época, prendeu-se especificamente, a uma de suas características: "Em quase todos os lugares em que encontramos tótems, encontramos

---

1 Cartas de 04/05/1912 e de 01 e 03/05/1913 citadas por Ernest Jones em *Vida y Obra de S. Freud*, vol. II, p. 368 e 372.

2 Freud - "Uma Breve Descrição da Psicanálise", 1923 vol. XIX, p. 255.

também "uma lei contra as relações sexuais entre pessoas do mesmo *tótem* e, conseqüentemente, contra o seu casamento." (1912, p. 23). Na medida em que esta asserção vem de encontro ao papel que ele atribui à sexualidade, Freud seleciona os estudiosos de modo a justificar o seu próprio pensamento. Desconsidera assim autores clássicos na matéria como Hobbes, Locke e Rousseau que se ocupavam com a questão da origem social mas, primordialmente, com a questão da legitimidade do poder.

Em sua análise deste texto, Rieff diz que se tornou uma crítica fácil e até mesmo ritualística, hoje em dia, marcar as dificuldades metodológicas e implicações políticas das teses freudianas aqui desenvolvidas e, as que a sua maneira de trabalhar acarretam. Contudo é aqui, mais que em qualquer outro lugar de sua obra, que Freud defende a idéia de que é pela represão que se origina tanto o indivíduo como a sociedade humana. Na interpretação de Rieff, "Restringir a liberdade de ação apareceu a Freud o objetivo da autoridade em todas as suas formas - como horda, como família, como governo. A restrição à liberdade é o que define o grupo. A crítica racional ou o impulso irracional podem mudar ou qualificar as restrições; " porém não as anula. (Rieff, 1979, p. 230)

É dentro deste contexto que *Tótem e Tabu* tem, dentre todos os textos sobre a cultura de Freud, uma relevância especial. Senão vejamos.

Era comum na tradição do pensamento filosófico e sócio-político do século XIX a forma alegórica ou mitológica de tratar o problema da constituição da organização sócio-cultural e, suas formas de legitimação. No início do século XX, há uma

mudança importante; mais e mais, o pensamento sociológico refere-se à educação e à religião. Isto por que elas são os dois meios mais eficazes e poderosos de mudar os indivíduos e, de modelar novas instituições. Era crucial na virada do século, uma nova mentalidade e novas instituições em razão das profundas mudanças estruturais vividas pelas sociedades, industriais e urbanas, então emergentes.

Era muito difundida a crença de que os homens pudessem ser levados a um grau maior de solidariedade (crença que, para Freud, até mesmo a teoria marxista reflete) e, em consequência, que o equilíbrio do organismo social pudesse ser melhor preservado. Acreditava-se ainda que o que faltava para o estabelecimento de uma ordem social mais justa e democrática, eram mecanismos de regulação tal que a viabilizassem e garantissem. Com a derrocada da monarquia, supunha-se possível uma liberação total da servidão humana mesmo que em um futuro remoto.

Freud, se insurge contra estas crenças. A primeira e mais importante delas, a de que o homem é bom, por sua natureza, e, que é guiado em suas ações por motivos racionais. A irracionalidade dos comportamentos do indivíduo e dos grupos é exaltada por ele em detrimento do poder da inteligência no controle dos impulsos instintivos. Ele a afirma como característica básica e constitutiva de todo e qualquer ser humano: líder ou liderado, em grupo ou tomado individualmente. Esta é, sem dúvida, uma de suas maiores contribuições para o pensamento filosófico, político e sociológico contemporâneos.

Contesta a suposta garantia de liberdade e de felicidade futuras oferecida pela civilização (ou, em uma de suas for-

mas) enfatizando o seu caráter coercitivo. De acordo com Rieff esta não é uma idéia nova, ela estaria presente em todas as teorias históricas, sociológicas e antropológicas desde Platão a Marx. Contudo, o que seria peculiar a Freud é a sua visão da interação entre as instituições sociais como meros mecanismos de autoridade; independentemente da diversidade de formas que elas têm assumido ao longo da história. Nesta perspectiva, Lévi Strauss, entre outros, afirma: *Tôtem e Tabu* é uma alegoria sobre o presente e não sobre o passado histórico, originário da sociedade humana. Até por que: "Só se pode falar de explicação a partir do momento em que o passado da espécie torna a representar-se em cada instante no drama indefinidamente multiplicado de cada pensamento individual, porque sem dúvida ele próprio não é senão a projeção retrospectiva de uma passagem que se produziu porque se produz continuamente." (1976, p.531)

A severidade excessiva dos regulamentos e das proibições existentes nas sociedades primitivas serve para Freud indicar o ódio e a inveja como sentimentos sempre atuantes nas relações entre os homens; o excesso de rigor das punições serviria também como um meio de mitigar estes sentimentos e de aplacar o sentimento de culpa. Tanto que ele aceita a tese de Frazer segundo a qual um governante, alvo privilegiado da inveja da maioria destituída de poder "não deve apenas ser protegido, mas também se deve proteger-se contra ele." (1912 p. 62) Isto por que, é mera fantasia idealizada a suposição de que o líder ou governante seja movido apenas pelo interesse da coletividade à qual ele serve.

O tabu não somente escolhe o rei e o exalta acima do comum dos mortais mas também torna



a sua existência um tormento e um fardo in-  
suportável, reduzindo-o a uma servidão muí-  
to pior do que a de seus súditos.

(Freud, p. 71)

Os tabus relativos aos governantes e aos mortos traz em germe a importância decisiva que atribuirá anos mais tarde ao papel do líder em uma comunidade. Cumprem a função social de exprimir a ambivalência dos sentimentos e de permitir a passagem para um sistema de relações dominado pelas idéias, substitutos dos atos e, por isso mesmo da força. Em síntese, na medida em que o Complexo de Édipo é alçado como núcleo estruturante básico também da civilização:

Toute civilisation est donc d'essence névrotique. Le passage de la force à la civilisation, c'est la passage d'un monde régi par la puissance à un monde gouverné par la névrose.

(Enriquez, 1983, p. 51)

## 1.2 - Tabu como Protótipo da Lei e da Repressão

'Não é fácil perceber porque qualquer instinto humano profundo deve necessitar ser reforçado pela lei. .... A lei apenas proíbe os homens de fazer aquilo a que seus instintos os inclinam; o que a própria natureza proíbe e pune seria supérfluo para a lei proibir e punir.'

(Frazer citado por Freud, 1912, p. 150)

Calcado nesta perspectiva, Freud desenvolve a sua visão da lei social como mecanismo de coerção, de repressão dos instintos. Enfatizando a severidade com que eram punidos aqueles que violassem as proibições totêmicas, ele reafirma a força dos instintos apontada por todos mas a marca com a ambivalência de sentimentos que eles despertam na consciência dos homens.

Atribui à ambivalência, o tabu contra o homicídio - prevenção contra o desejo inconsciente de assassinar, em última instância, o pai - e, o tabu contra o incesto. Só que, neste caso particular, ele considera a existência de outros determinantes. O mais significativo, a necessidade de ampliar as possibilidades de escolha das mulheres disponíveis para casamento uma vez que "Os desejos sexuais não unem os homens, mas os dividem" (p. 172) e assim resolver a rivalidade entre os irmãos.

A exigência de exogamia teria então um valor altamente positivo dado que, é através dela que indivíduos e grupos foram levados a se integrar em comunidades mais amplas e a desenvolver artefatos tecnológicos para se assegurar de suas 'posses' e normas para regular as relações humanas:

...a complicada instituição das classes matrimoniais, com suas subdivisões e os regulamentos que a eles se vinculam, parece mais o resultado de uma legislação deliberada, que pode talvez ter-se encarregado de assumir a prevenção do incesto em virtude do declínio da influência do tótem.

(Freud, 1912, p. 28)

É esta idéia, de que em função de um declínio do poder de coerção de uma instituição (tótem, nas sociedades primitivas; e, religião, nas modernas) é que se impõe ao grupo a necessidade de criar mecanismos de regulação e controle, cada vez mais sofisticados e rígidos, que lhe permite a articulação entre indivíduo e sociedade tendo como modelo o processo de repressão.

Assim sendo, a origem da religião residiria, especialmente, no primeiro destes tabus; bem como, dos sistemas pe

nais. E, as instituições sociais outras, no segundo deles. Como veremos a seguir, é a idéia da morte do pai e os sentimentos de culpa suscitados por ela que impõe ao indivíduo ou grupo o trabalho de elaboração do luto. Uma das maneiras de fazê-lo é através da projeção dos processos mentais para o exterior. O luto "em sua função de desligar dos mortos as lembranças e as esperanças dos sobreviventes" (p. 87) teria ensejado a criação dos 'demônios', o culto dos ancestrais e, a formação de sistemas religiosos complexos cuja expressão mais sofisticada é encontrada na tradição judaico-cristã. Como resultado final, estaria assegurada a possibilidade de lembrar, isto é, de construir a história e as tradições; a possibilidade de pensamento simbólico e, portanto, da linguagem - marco de clivagem entre o homem e seus 'ancestrais'.

Freud correlaciona estes dois tabus com o Complexo de Édipo e reafirma sua convicção de que é pela insuficiência do processo repressivo dos desejos inconscientes, em jogo na relação da criança com seus pais, que as psiconeuroses se formam<sup>1</sup>. Para ampliar o alcance desta assunção adota a tese de que "O parentesco é algo mais antigo que a vida familiar e, na(s)... sociedades primitivas... a família continha membros de mais de um parentesco." (p. 163)

A relação de parentesco é portanto marcada mais pelo sistema social do que pela biologia. Conseqüentemente, a ênfase do estudo destas questões deve ser posta sobre a relação do indivíduo com o grupo. Ainda mais, mesmo em se tratando de estruturas sociais complexas, há que se levar em conta que jun

---

1 - Vide a questão da dissolução do Complexo de Édipo na p. 90 e ss.

to com a ampliação do grau de liberdade de escolhas caminham as restrições e as punições.

Baseado na universalidade suposta da estrutura edípica Freud desdobra a analogia entre a criança e o neurótico modernos com o primitivo sob diferentes ângulos. Esta é a analogia central que perpassa todo o texto; e, a que lhe permite rejeitar a tese, então em voga, da existência de uma 'psiquê coletiva' distinta da individual. Wundt, McDougall, Jung, Durkheim, etc., a aceitavam. Freud recorre a uma outra linha de pensamento, darwiniana, admitindo a existência de uma herança filogenética através da qual alguns elementos inconscientes são comuns a todos os indivíduos da espécie humana, basicamente, o complexo aparelho mental em sua estrutura e dinâmica<sup>1</sup>.

Mesmo a mais implacável repressão tem de deixar lugar para impulsos substitutivos deformados e para as reações que deles resultem. Se assim for, portanto, podemos presumir com segurança que nenhuma geração pode ocultar, à geração que a sucede, nada de seus processos mentais mais importantes, pois ... todos possuem, na atividade mental inconsciente, um *apparatus* que os capacita a interpretar as reações de outras pessoas, isto é, a desfazer as deformações que os outros impuseram à expressão de seus próprios sentimentos.

(Freud, 1912 p. 188)

A teoria psicanalítica sofre mudanças radicais a partir de 1920, com a elaboração da quarta hipótese topográfica da

---

1 - Como veremos em *O Ego e o Id* ao tratarmos do mecanismo de identificação e da formação do Superego.

estrutura e funcionamento do aparelho mental<sup>1</sup> porém, manterá a tese que a "ontogênese repete a filogênese".

Na medida em que um 'tabu' abrange dois significados distintos e intimamente relacionados: é o 'sagrado' mas é também o 'proibido', Freud o elege como o "protótipo histórico da repressão".

Focalizando a neurose obsessiva aponta várias semelhanças com as primitivas formas de pensar - "o núcleo da neurose é contra o tocar" (p. 47). Tocar não apenas físico mas, num sentido ampliado é metafórico, com as idéias.

Em todas elas (as neuroses), o que determina a formação dos sintomas é a realidade, não da experiência, mas do pensamento. Os neuróticos vivem num mundo à parte, onde, ... somente a 'moeda neurótica' é moeda corrente; isto é, eles são afetados apenas pelo que é pensado com intensidade e imaginado com emoção, ao passo que a concordância com a realidade externa não tem importância. (p. 109)

Mas também a nível da sociedade é a repressão dos impulsos instintivos - conceito limítrofe entre o biológico e o mental, "em sua qualidade de excitar a ambivalência dos homens e de tentá-los a transgredir a proibição" (p. 52) - que dá origem à ordem social. É a repressão, enquanto modo de "impedir um perigo que ameaça toda a comunidade" e, um modo de tratar "alguma culpa que a estivesse pressionando" (p. 23), que introduz os indivíduos no universo da cultura.

Contudo, na medida em que a onipotência dos pensamentos, característica dos povos primitivos, persiste nos neuróti

1 De acordo com Barros encontram-se desenvolvidas na obra freudiana cinco hipóteses distintas sobre a estrutura e o funcionamento do aparelho mental. Os textos-chave são: Projeto para uma Psicologia Científica (1950-1895); A Interpretação dos Sonhos (1900-1899); "Formulações sobre os dois princípios de funcionamento mental" (1911); "O Inconsciente" (1915) e *O Ego e o Id* (1923). Notas de aula.

cos e, que é evidenciada ao se perguntarem sobre si mesmos e sobre o mundo que os cerca, Freud conclui que "a estrutura narcísica" da personalidade "nunca é totalmente abandonada. Um ser humano permanece até certo ponto narcisista, mesmo depois de ter encontrado objetos externos para a sua libido." (p. 112) Fica assim afirmada a existência, em todos nós, de aspectos anti-sociais inamovíveis, em maior ou menor grau<sup>1</sup>. E mais, fica desmistificada a liderança política: ela não é apenas a expressão de possibilidade de um melhor controle dos impulsos 'egoístas' mas também evidencia, pelos limites de controle possível de um ser humano alcançar, uma necessidade imperiosa de limitar o alcance de seu poder. Veja *Futuro de uma Ilusão* onde Freud defenderá uma tese diferente.

Outra consequência importante é a de que assim pensando as explicações tradicionais sobre a unidade social são rompidas uma vez que são calçadas apenas nos aspectos políticos ou econômicos. Ou seja, o poder político é quebrado a partir de Freud em diferentes dimensões, sendo uma delas a da sexualidade. Para ele então 'sociais' são apenas as emoções "determinadas pelas demonstrações de consideração por outra pessoa, *sem tomá-la como objeto sexual*". (p. 94)

Resumindo, é pela afirmação da sexualidade como dimensão básica, constitutiva do poder social, que Freud estabe

---

1 - Veremos melhor este ponto em "Sobre o Narcisismo: Uma Introdução".

lece o mecanismo da repressão como modo operativo, por excelência, do organismo social e, como modelo da lei.

### 1.3 - A Ordem Social

A partir de suas próprias descobertas realizadas na prática clínica sobre o indivíduo em relação aos seus grupos de referência; e, da hipótese de Darwin sobre a existência de hordas no início da civilização, bem como das conclusões que Atkinson chegou baseando-se nesta mesma hipótese, é que Freud constrói a sua visão particular sobre o estado de coisas existentes neste primeiro momento histórico e, de como teria sido possível evoluir para uma fase em que a ordem social tornou viável a convivência entre muitos indivíduos. É o seu mito próprio, como ele mesmo reconhece.

Certo dia, os irmãos que tinham sido expulsos retornaram juntos, mataram e devoraram o pai.... Unidos, tiveram a coragem de fazê-lo e foram bem sucedidos no que lhes teria sido impossível fazer individualmente. ....Odiavam o pai, que representava um obstáculo formidável ao anseio de poder e aos desejos sexuais; mas amavam-no e admiravam-no também. .... O pai morto tornou-se mais forte do que fora vivo .... O que até então fora interdito por sua existência real foi doravante proibido pelos próprios filhos...

(1912, p. 170-172)

Se, no primeiro momento da história da civilização o que existia era uma horda, então pode-se concluir que foi pela

morte de seu chefe que surgiu a idéia de 'pai'. Portanto, é esta idéia aliada aos sentimentos de culpa pela sua morte - consequência direta da ambivalência afetiva existente na relação com o pai vivo - que abre a possibilidade de transição na organização das relações sociais.

O circuito das relações pai-filhos e, filhos entre si, até então presidido pelo Princípio do Prazer - desejo de realizar todos os desejos - era caracterizado pela força e violência, neste primeiro momento. E, somente o pai podia desfrutar a satisfação de seus desejos. O mecanismo que permitiu romper com esta dissociação foi a repressão dos sentimentos hostis. Vale a pena ressaltar que as marcas originárias da comunidade humana são a violência dos impulsos e dos atos, a luta tirânica pelo poder - posse dos bens e das mulheres. E, a impotência humana de realizar, individualmente, os seus desejos. Dentre os impulsos, que de outro modo seria impossível satisfazer, destaca-se o da preservação biológica do indivíduo e da espécie; por esta razão, o mecanismo da repressão é tomado como prototípico.

A interpretação psicanalítica da ordem social acarreta uma visão da cultura como irremediavelmente repressora: contudo, ao mesmo tempo ela valoriza a revolta dos 'filhos' como um fato positivo - pois, foi a partir do êxito alcançado nesta primeira rebelião, que a cultura emergiu. A cultura é o resultado da repressão dos impulsos hostis em relação ao pai e, dos impulsos amorosos em relação à mãe e irmãs - esta é, em síntese, a conclusão de Freud.

É o medo da morte dos seres queridos (contra-partida da hostilidade ou do desejo inconsciente de suas mortes) que



faz surgir no indivíduo as fronteiras entre mundo interno e mundo externo. No grupo, faz surgir as idéias religiosas. A partir do modelo da *Interpretação dos Sonhos*, Freud afirma que:

Foi somente após uma linguagem de pensamento abstrato ter sido desenvolvida, ou seja, somente após os resíduos sensoriais das apresentações verbais terem sido ligados aos processos internos, que os últimos pouco a pouco foram se tornando capazes de serem percebidos.

(Freud, p. 86)

A distância entre o homem e a natureza que a sociedade promove através da linguagem é também estabelecida por um outro aspecto fundamental: o projeto de retorno. É dentro desta dialética, progressão - regressão, que a cultura ganha sentido pleno. Mais precisamente, é a idéia da inevitabilidade da morte que a origina e a sustenta em sua evolução.

...un groupe n'est pensable et n'est cohésif qu'à partir d'un projet commun. .... - c'est la nature du premier projet qui peut unir des êtres différents. .... Le meurtre du père institue la possibilité constante du meurtre. La civilisation non seulement commence avec le crime mais ne se maintient que par lui..... La naissance du groupe est inconcevable sans la naissance corrélatrice des sentiments.

(Enriquez, p. 35, 37 e 39)

O pacto social assim estabelecido entre os irmãos serve para Freud ilustrar a sua convicção de que o inter-jogo das necessidades de liberdade e repressão é inevitável, tanto para o indivíduo considerado isoladamente como para a coletividade. A solidariedade e a fraternidade, enquanto resultados do sentimento de culpa proveniente do assassinato do pai, só são possíveis de serem alcançados após um longo e penoso processo de in

tegração entre os sentimentos conflitantes de amor e ódio; e, portanto, interminável - ou seja, como não há vencido e nem vencedor neste embate eles são valores ideais. O que significa dizer que a base sobre a qual repousa a cultura humana se mantém em um estado de equilíbrio precário.

Enriquez acentua o fato de que o pai se torna mais poderoso com a sua morte uma vez que então os próprios filhos passam a se proibir, a si mesmos, realizar o que antes um (pai) proibia a *muitos* (filhos). Nesta medida, pai e filhos só podem vir a conseguir manter a sua unidade de relação a partir deste compromisso de conciliação: ninguém pode ter a própria mãe. Esta idéia se articula com as noções de recalçamento originário e de protofantasias - em particular, com a fantasia da cena primária. O que significa dizer que uma sociedade humana só pode existir como tal a partir de regras de aliança e filiação; implicando pois, no reconhecimento das diferenças entre os sexos e entre as gerações. Sem isto, apenas se pode pensar em uma situação de caos ou de anarquia absoluta onde a lei dominante será a do mais forte. Os impulsos instintivos humanos têm que ser mediatizados para que a sua expressão não nos leve ao caos - esta a tese central de *Tótem e Tabu*.

Uma relação não pode ser isolada arbitrariamente de todas as outras, e também não é possível que o indivíduo se mantenha aquém ou além do mundo das relações. O meio social não deve ser concebido como um quadro vazio no interior do qual os seres e as coisas podem ser ligados ou simplesmente justapostos. O meio é inseparável das coisas que nele habitam.

(Lévi-Strauss, 1976; p. 523)

## CAPÍTULO 2 - PSICOLOGIA DE GRUPO E A ANÁLISE DO EGO (1921)

2.1 - Considerações Gerais:

Este trabalho, *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*, segundo Strachey, por um lado "leva um passo à frente a investigação freudiana da estrutura da mente, já prenunciada em *Além do Princípio do Prazer* (1920) e a ser completamente elaborada em *O Ego e o Id* (1923)." (p. 90) Por outro lado, dando prosseguimento às teses de *Tótem e Tabu* (1912), Freud afirma como premissa básica que:

Algo está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo a psicologia individual, nesse sentido ampliado mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social.

(1921, p. 91)

Para Enriquez esta visão particular das modalidades em que o outro é percebido na relação com o indivíduo: como referência, "comme la norme qui désigne notre devenir et notre être humain"; como objeto "est visée par ce terme non la relation à autrui mais la relation qui constitue l'autre et le sujet lui-même dans un rapport d'altérité de type *libidinal*"; como auxiliar ou oponente em razão da ambivalência característica de toda e qualquer relação humana; acarreta três grandes consequências, a saber:

1 - "L'impossibilité d'une caractérologie strite" por que os comportamentos (sociais ou psicopatológicos) só têm sentido dentro de seu contexto histórico, individual e coletivo, no qual há que se considerar as duas dimensões em jogo, a fan

tasmática e a real. Ainda, que se elas mudam, os comportamentos também se modificam.

- 2 - "les limites et le caractère subversif de la psychanalyse": com o conceito de uma neurose coletiva, Freud estabelece um importante limite para o êxito terapêutico. Qual seja, por mais que o mundo interno do sujeito mude, o mundo externo não o acompanha. As outras pessoas de quem ele depende, as instituições às quais ele pertence, continuam as mesmas; a não ser que algo seja feito especificamente em relação a elas; e, o indivíduo não tem poder para fazê-lo sozinho. Nesta medida ele tampouco pode mudar completamente o seu mundo interno. O caráter subversivo advém do fato de a Psicanálise desmistificar as ilusões a respeito de si mesmo e, dos ideais e ideologias sociais, uma vez que quebra com as relações falsamente estabelecidas pelo indivíduo, seja em seu mundo de pensamento seja no seu mundo de relações sociais, reais.

- 3 - "la mise à l'écart d'une sociologie indifférente au problème de l'altérité."

Si une sociologie a une raison d'être, c'est en se métamorphosant en une psychosociologie, ou encore en une sociologie des relations sociales (A. Touraine) et non en une analyse de systèmes ou modes de production ou l'individu concret, les groupes réels dans leur affrontement (leur altérité) son niés.

(1983, p. 54 e segs.)

É esta extrapolação do valor relativo das contribuições realizadas pela Psicanálise (na medida em que aponta para a necessidade de se considerar este "algo", sempre presente nas relações humanas, em sua especificidade, singularidade e diferenças e, não só em suas modalidades gerais, isto é, enquanto categorias formais) atribuindo-lhe uma posição central dentro das ciências sociais, que é alvo das críticas mais contundentes e, a nosso ver, mais apropriadas.

Foi o próprio Freud, em nota de rodapé a *Tótem e Tabu*, ao lado de inúmeras advertências, ao longo de toda a obra, quanto à prudência necessária na avaliação de suas descobertas que iniciou esta polêmica. Vejamos:

Visto estar acostumado a ser mal interpretado, acho que *vale a pena insistir explicitamente em que as atribuições de origens* que me propus tratar nestas páginas de maneira alguma subestimam a complexidade dos fenômenos em exame. Tudo o que pretendo é ter acrescentado um novo fator às fontes, conhecidas ou ainda desconhecidas, da religião, da moralidade e da sociedade - fator baseado numa consideração das implicações da psicanálise. Tenho de deixar a outros a tarefa de sintetizar essa explicação numa unidade. Entretanto, decorre da natureza da nova contribuição não poder ela deixar de representar outro papel que não seja um papel central nessa síntese, ainda que poderosas resistências emocionais tenham de ser vencidas antes que sua grande importância seja reconhecida.

(1912, p. 186) - grifos nossos

Como exemplo dos mais significativos críticos desta posição temos Lucien Sève, membro do Comitê Central do Partido Comunista Francês, que diz:

O mérito histórico de Freud é o de ter sido o primeiro a considerar a sexualidade - e, por este caminho, os tabus sociais e

os preconceitos ideológicos - como, objeto da ciência, e o de haver começado seu estudo, tornando manifesto um certo número de fenômenos abordados através de uma prática fecunda..... (Porém) é difícil não admitir que a colocação de Freud buscando atribuir à Psicanálise o principal papel explicativo no campo das ciências do homem tem como consequência "fazer com que" a referência fundamental do psiquismo individual seja o instinto, biologizar os fenômenos humanos, aparecendo a hereditariedade psíquica como o único meio de dar ao social uma base individual e ao individual um alcance social. Mas, por uma última recorrência, a biologização inevitável dos fenômenos humanos, implica, por sua vez, na negação de seu caráter fundamentalmente histórico, isto é, na crença em uma natureza humana imutável: psicologização do social, biologização do psíquico, naturalização do humano, são assim os três postulados mais importantes sobre os quais repousa a instalação da psicanálise no centro das ciências humanas.

(Sève, 1980; p. 159 e 176)

Por mais justa que seja esta crítica no que se refere ao papel central da Psicanálise no campo das ciências do homem, temos que considerar o fato de que ela incorre em uma certa simplificação da questão uma vez que não há, necessariamente, que biologizar o psíquico. Além do que não podemos esquecer que Freud amplia sim o sentido e alcance do psíquico mas também do biológico e do natural. O próprio conceito de "Trieb" (instinto) é ilustrativo - "um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático..."

## 2.2 - O Amor como Poder e o Poder do Amor:

Desde 1920, com a formulação da hipótese de um Instinto de Vida em luta constante com um Instinto de Morte (quando

Freud postula como característica básica de Eros a sua tendência a conservação das unidades vitais existentes e a configuração de novas unidades cada vez mais complexas; e, de Tanatos, a tendência a destruição destas unidades que asseguram a vida humana) que novos aspectos serão considerados para justificar a necessidade de mecanismos 'repressivos' para assegurar a continuidade da vida biológica e social do homem. Em *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*, a ênfase está posta em Eros; Freud tenta aqui explicar como o indivíduo se relaciona com os grupos aos quais pertence ou, dito de um modo mais geral, explicar o funcionamento social - seus mecanismos de ação - através dos conceitos de sublimação dos impulsos instintivos, idealização do objeto e, de identificação.

A concepção freudiana de amor admite uma única exceção à regra da ambivalência afetiva prevalente em todos os relacionamentos humanos: a relação da mãe com o seu filho, em razão de permitir um grau de satisfação narcísica que nenhuma outra relação permite.

A limitação do narcisismo inevitável à formação de um grupo "só pode ser produzida por um determinado fator, um laço libidinal com outras pessoas. O amor por si mesmo só conhece uma barreira: o amor pelos outros, o amor por objetos". (p.130)

Amor narcísico ou amor objetal é ele o fator determinante da origem e da coesão entre os grupos - naturais ou 'artificiais'. Contudo, Freud insiste em reafirmar que é o amor dessexualizado, inibido em seu objetivo<sup>1</sup> - portanto, sublimado -

1 - Vide *O Ego e o Id* nesta dissertação onde pretendemos ver melhor este ponto.

que favorece aos grupos. Daí, mesmo que se encontre entre os membros de um grupo a presença de mulheres, a relação com elas terá que ser sublimada; isto é, os elementos eróticos não poderão estar atuantes, sob pena de produzir uma conturbação tal no funcionamento grupal que poderá levá-lo à sua própria destruição. Lembrar que para Freud, "os desejos sexuais não unem os homens, mas os dividem". (*Tótem e Tabu*, p. 172).

De uma outra perspectiva, é o mesmo amor, que permite a aproximação e a vinculação entre seres tão diferentes, que também explica a "ausência de liberdade" característica dos membros de um grupo. Nas palavras de Freud:

nossa hipótese encontra apoio em duas reflexões de rotina. Primeiro, a de que um grupo é claramente mantido unido por um poder de alguma espécie; e a que poder poderia essa façanha ser mais bem atribuída do que a Eros, que mantém unido tudo o que existe no mundo? Segundo, a de que, se um indivíduo abandona a sua distintividade num grupo e permite que seus outros membros o influenciem por sugestão, isso nos dá a impressão de que o faz por sentir a necessidade de estar em harmonia com eles, de preferência a estar em oposição a eles, de maneira que, afinal de contas, talvez o faça 'ihnen zu Liebe' (pe lo amor deles)

(p. 117-113)

Sempre que se ama ocorre uma supervalorização do objeto amado (idealização) e isto só é possível por que, "quando estamos amando, uma quantidade considerável de libido narcisista transborda para o objeto." (p. 143) Daí a sua fórmula: "O objeto foi colocado no lugar do ideal do ego." (p. 144) Para melhor explicá-la recorre à situação hipnótica onde "existe a mesma sujeição humilde, que há para com o objeto amado. Há o mesmo debilitamento da iniciativa própria do sujeito..." (p. 144-



145). É a relevância indiscutível que o hipnotizador tem para o hipnotizado o aspecto que Freud tomará como base para a sua asserção de que também nos grupos primários, isto é, aqueles que têm um líder "um certo número de indivíduos... colocaram um só e mesmo objeto no lugar de seu ideal do ego e, conseqüentemente, se identificaram uns com os outros em seu ego." (p.147) Ou seja, a possibilidade do amor fraterno está dada pela *ilusão* de ser amado igualmente pelo líder ("isso constitui apenas uma remodelagem idealística do estado de coisas na horda primeva, onde todos os filhos sabiam que eram igualmente perseguidos pelo pai primevo e o temiam igualmente". - p. 158).

A influência da 'sugestão' exercida por um membro em relação a outro é explicada como uma superação dos sentimentos de ciúmes e de inveja - origem da supervalorização da idéia de justiça social.

A justiça social significa que nos negamos muitas coisas a fim de que os outros tenham de passar sem elas, também, ou o que dá no mesmo, não possam pedí-las. Essa exigência de igualdade é a raiz da consciência social e do senso de dever. ... O sentimento social, ..., se baseia na inversão daquilo que a princípio constituiu um sentimento hostil em uma tonalidade positiva, da natureza de uma identificação..... essa inversão parece ocorrer sob a influência de um vínculo afetivo comum com uma pessoa de fora do grupo.

(p. 153)

É a referência ao pai primevo ou ao seu substituto, o líder, que permite a Freud sustentar as teses seguintes:

1 - "o grupo ... aparece como uma revivescência da horda primeva. .... As pessoas que estavam unidas nesse grupo de irmãos gradualmente chegaram a uma revivescência do antigo

estado de coisas, em novo nível..... o mito é o passo com o qual o indivíduo emerge da psicologia de grupo. O primeiro mito foi certamente o psicológico, o mito do herói; o mito explicativo da natureza deve tê-lo seguido muito depois," (p. 156, 170 e 172). Portanto, são as palavras, em sua força mítica, que permite não só a articulação entre a fantasia e a realidade mas é através desse herói falado "que desce ao nível da realidade e eleva seus ouvintes ao nível da imaginação" que a possibilidade de liberdade humana e de transformação da realidade se configuram.

2 - "desde o princípio, houve dois tipos de psicologia, a dos membros individuais do grupo e a do pai, chefe ou líder. Os membros do grupo achavam-se sujeitos a vínculos, ... o pai da horda primeva, porém era livre. ... Ele, no próprio início da história da humanidade, era o 'super-homem' que Nietzsche somente esperava do futuro". (Freud, 1921, p. 156-157). Nesta perspectiva, os verdadeiros líderes seriam capazes de representar para o inconsciente de todos os homens "o refúgio do amor e o dom do amor" (Enriquez, 1983, p. 78).

### 2.3 - A Identificação

Freud aborda o mecanismo da identificação como "a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa". Mecanismo básico tanto do Complexo de Édipo como do funcionamento grupal. Ela pode se dar de três modos: "primeiro, a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto; segundo, de maneira regressiva, ela se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal, por assim dizer, por meio

da introjeção do objeto no ego; e, terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto do instinto sexual." (1921, p. 133 e 136). Portanto, a identificação se opõe ao mecanismo de eleição do objeto.

Desde 1914, em "*Sobre o Narcisismo: Uma Introdução*", com a nova distinção feita entre 'libido do ego' e 'libido objetal' e com a introdução do conceito de "ideal do ego" que a sua visão da relação do indivíduo com a realidade social modificara-se substancialmente.

Com a postulação de um narcisismo primário em todos os seres humanos ele indicara como fator básico, condicionante da repressão, a formação de um ideal do ego - ou seja, as tendências libidinais só sucumbem à repressão "se entram em conflito com as idéias culturais e éticas do indivíduo" (p. 110) -; e, "o que induziu o indivíduo a formar um ideal do ego, em nome do qual sua consciência atua como vigia, surgiu da influência crítica de seus pais (transmitida a ele por intermédio da voz), aos quais vieram juntar-se à medida que o tempo passou, aqueles que o educaram e lhe ensinaram, a inumerável e indefinível coorte de todas as outras pessoas de seu ambiente - seus semelhantes - e a opinião pública". (p. 113). Logo, esta fonte externa tem que ser idealizada e, depois, incorporada ao ego mediante o processo de identificação. Portanto, é através do mecanismo da identificação que a realidade externa, enquanto referência normativa (modelo) e, enquanto objeto libidinal<sup>1</sup> intervém não só

---

1 - Apresentamos uma outra hipótese para esta questão na parte II, p. 74-75.

pressionando o indivíduo a superar o seu narcisismo primário mas, constituindo-o enquanto sujeito de sua própria história.

Daí, ele coerentemente afirmar, em 1921, que o ideal do ego "abrange a soma de todas as limitações a que o ego deve aquiescer" e, na medida em que as identificações são sempre parciais e são realizadas à custa do narcisismo, que "a separação do ideal do ego do próprio ego não pode ser mantida por muito tempo, tendo de ser temporariamente desfeita." Fica assim explicada a necessidade psicológica do sono, por exemplo. E, que "em todas as renúncias e limitações impostas ao ego, uma infração periódica da proibição é a regra". (p. 165-166)

De uma outra perspectiva, pode-se considerar que a sua concepção dos fatores que impulsionam o ego a superar a etapa do narcisismo primário - seja a de 1914 ou as revisões apresentadas nos anos seguintes - acarreta várias implicações sendo que duas delas nos interessa destacar: uma, é possível compreender a busca de poder como resultado de uma identificação saudável com o pai (ou substituto) e não, necessariamente, como uma reação neurótica; duas, está fora do alcance dos homens realizar *plenamente* os seus 'ideais culturais e éticos', uma vez que, superação de uma etapa não implica na sua abolição, na sua destruição total.

## CAPÍTULO 3 - FUTURO DE UMA ILUSÃO (1927)

3.1 - Considerações gerais

*O Futuro de uma Ilusão* é um texto que tem dois objetivos claramente explicitados: um, provar que a Psicanálise em particular e, a ciência em geral, "não é ilusão. Ilusão seria imaginar que aquilo que a ciência não nos pode dar, podemos conseguir em outro lugar." (p. 71). Para tanto, desenvolve e até mesmo reconceitua a noção de ilusão apresentada em *Psicologia de Grupo*. Dois, indicar a necessidade de uma 'educação para a realidade' como ele chama e, que consiste, basicamente, na superação das crenças 'religiosas'. E como dirá de modo enfático em *Mal-estar na Civilização*, na superação de uma visão idealista da natureza humana e do processo de viver. Ao discutir a origem da religião abandona certas idéias apresentadas em *Tótem e Tabu*: o fundamental não é a idéia da morte ligada aos sentimentos de culpa; mas, a impotência humana e sua necessidade de proteção.

3.2 - Civilização: presente e futuro

Freud inicia sua exposição interrogando-se sobre as características da cultura ou da civilização. Em suas próprias palavras: "A civilização humana, expressão pela qual quero significar tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e difere da vida dos animais - e desprezo ter que distinguir entre cultura e civilização -, apresenta ... dois aspectos ao observador. Por um lado, inclui todo o conheci-

mento e capacidade que o homem adquiriu com o fim de controlar as forças da natureza e extrair a riqueza desta para a satisfação das necessidades humanas; por outro, inclui todos os regulamentos necessários para ajustar as relações dos homens uns com os outros e, especialmente, a distribuição da riqueza disponível. As duas tendências da civilização não são independentes uma da outra; em primeiro lugar, porque as relações mútuas dos homens são profundamente influenciadas pela quantidade de satisfação instintual que a riqueza existente torna possível; em segundo, porque, individualmente, um homem pode, ele próprio, vir a funcionar como riqueza em relação a outro homem, na medida em que a outra pessoa faz uso de sua capacidade de trabalho ou o escolha como objeto sexual; em terceiro, ademais, porque todo indivíduo é virtualmente inimigo da civilização, embora se suponha que esta constitui um objeto de interesse humano universal." (p. 16)

Esta concepção é uma decorrência direta de suas descobertas anteriores e, em particular, de sua profunda convicção de que a vida, individual e coletiva, só pode ser compreendida como resultado do conflito, renovado à cada instante da existência, entre as duas tendências instintuais básicas - Instinto de Vida e Instinto de Morte - que será claramente explicitada em o *Mal-estar na Civilização*.

Assim sendo, ao mesmo tempo em que defende a idéia de que a "raison d'être real ... (da civilização) é nos defender contra a natureza" (p. 26) ele afirma como seu objetivo maior, a sua própria defesa. Através dos "seus regulamentos, instituições e ordens" a civilização se defende contra as inevitáveis ma

nifestações destrutivas ou anti-sociais dos homens. Como ele mesmo aponta, a primeira e mais fundamental consequência desta visão do processo de civilização é o deslocamento da ênfase até então posta sobre as suas funções diretamente vinculadas aos aspectos materiais para aquelas relacionadas com o mental. O conceito-chave que lhe permite operar este deslocamento é o de *ilusão*, como veremos a seguir no item 3.3.

Por isto, ele sustentará as teses, já defendidas em outros trabalhos, segundo as quais: a civilização humana só é possível a partir da coerção e da renúncia aos instintos; a dominação psíquica é o passo preparatório primeiro para a dominação física, tanto no plano do desenvolvimento individual como no da realidade social (tese esta que se encontra em aparente contradição com o seu mito da horda primitiva mas que se desfaz tão logo nos lembremos de sua característica a-histórica); uma grande parcela dos indivíduos tem em si, em tão alto grau, as tendências destrutivas (fato este que não se explica apenas pela sua exclusão da distribuição da riqueza material) que se faz necessário o estabelecimento de um novo projeto educativo ou, como seus críticos apontam, de novos objetivos para os seres humanos através da ciência.

Contudo, há que se considerar que quando Freud acenta que: "A questão decisiva consiste em saber se, e até que ponto, é possível diminuir o ônus dos sacrifícios instituais impostos aos homens, reconciliá-los com aqueles que necessariamente devem permanecer e fornecer-lhes uma compensação." (p.17-18) ele está reconhecendo que esta é uma questão não só da ordem do conhecimento mas também política. Política, em seu

sentido lato, uma vez que o que está em jogo é a possibilidade de assegurar a continuidade da vida humana.

Coerentemente com as suas afirmações de que os fenômenos mentais são sobredeterminados e, de que as tendências da civilização não são independentes uma da outra, Freud afirma, explicitamente, a história e a economia como fatores de determinação do comportamento social; porém, sua visão do papel desempenhado pelo fator econômico, por exemplo, é singular. Por um lado, a divisão da sociedade em classes implica em aumentar o potencial de risco, sempre presente, de uma destruição total da humanidade. Portanto, as questões referentes à produção, acúmulo e distribuição da riqueza são também centrais dentro de todo e qualquer projeto político - em seu sentido estrito, ideológico-partidário. Neste sentido, ele diz: "Não é preciso dizer que uma civilização que deixa insatisfeito um número tão grande de seus participantes e os impulsiona à revolta, não tem e nem merece a perspectiva de uma existência duradoura." (p. 23). Por outro, para se entender como o fator econômico opera nas relações concretas entre as classes oprimida e opressora, há que se recorrer a conceitos psicanalíticos: superego, ideal do ego, identificação e narcisismo. Isto por que, "a civilização não se detém na tarefa de defender o homem contra a natureza, mas simplesmente a prossegue por outros meios. Trata-se de uma tarefa múltipla. A auto-estima do homem, seriamente ameaçada, exige consolação; a vida e o universo devem ser despidos de seus terrores; ademais, sua curiosidade, movida, é verdade, pelo mais forte interesse prático, pede uma resposta." (p. 27-28). Ou seja, as estruturas sociais não se acham em uma relação de oposição dialética como o marxismo clássico pretende.



A civilização opera através da interiorização das interdições e dos preceitos éticos; e, isto só é possível na medida em que ela, além de proibir e impor frustração a seus participantes, proporciona compensações as renúncias feitas através das gratificações narcisistas. Os ideais culturais permitem aos indivíduos um sentimento de orgulho pelas suas realizações e, de serem melhores do que outros, que não os compartilham; mais, permite uma identificação cruzada entre os membros dos diferentes segmentos. "Não há dúvida de que alguém pode ter sido um plebeu infeliz, atormentado por dívidas e pelo serviço militar, mas, em compensação, não deixava de ser um cidadão romano, com sua própria quota na tarefa de governar outras nações e ditar suas leis." (p. 24). Com esta metáfora Freud explica como tem sido possível suportar por tanto tempo as injustiças sociais. Ainda, as artes são um substitutivo importante, embora não acessível à todos, na medida em que "elevam seus sentimentos de identificação"; e, finalmente, a mais importante, a religião.

### 3.3 - A Ilusão

Freud desenvolve aqui uma concepção bastante complexa do fenômeno da ilusão. "O que é característico das ilusões é o fato de derivarem de desejos humanos. .... Podemos, portanto, chamar uma crença de ilusão quando uma realização de desejo constitui fator proeminente em sua motivação..." (p. 44) O que significa dizer que elas estão pouco comprometidas com a lógica e com a realidade concreta.

Entretanto, Freud insiste em que elas não necessariamente implicam em um 'erro' de avaliação da realidade: psíquica

ou material. Elas visam minimizar o sentimento de impotência humana frente não só às forças da natureza como também ao 'destino' - a morte inevitável. Elas jogam com as necessidades de proteção (contra a natureza e, contra os outros homens) e de compensação pelos sacrifícios impostos pela civilização.

Mas retomando a sua característica maior - derivado do desejo inconsciente - vemos que a noção de 'ilusão' se aproxima da noção de fantasia inconsciente, enquanto é ela também um tipo de derivado do Ics.

Em 1915, "*O Inconsciente*", Freud admitiu que alguns derivados dos impulsos inconscientes têm características peculiares: "Por um lado, são altamente organizados, livres de autocontradição, tendo usado todas as aquisições do sistema Cs, dificilmente distinguindo-se, ..., das formações daquele sistema. .... *É a sua origem que decide seu destino.*" (p. 218) - grifo nosso.

Assim como as fantasias não são apenas deformações da percepção de realidade e nem tampouco meras realizações de desejo pois desempenham um papel estruturante na vida mental (através, especialmente, das profantasias que pertencem ao patrimônio filogenético do indivíduo), Freud afirma que "... o cabedal de idéias religiosas inclui não apenas realizações de desejos, mas também importantes reminiscências históricas" (p. 56) só que submetidas a um processo de deformação ou 'disfarce'.

Mas, se por um lado, as ilusões expressam a realidade psíquica - "aquilo que no psiquismo do indivíduo apresenta uma coerência e uma resistência comparáveis às da realidade material; trata-se, fundamentalmente, do desejo inconsciente e dos fan

tasmas conexos"<sup>1</sup> -; por outro, Freud aponta e insiste em que elas têm um efeito de obturação do conhecimento. "Ignorância é ignorância; nenhum direito a acreditar que algo pode ser derivado dela". (p. 45)

Na medida em que as ilusões se encontram presentes em toda e qualquer atividade humana (nas suas duas dimensões apontadas acima) implicando em um certo grau de desprezo pelas suas relações com a realidade material, pode-se concordar com as teses freudianas de que o homem é, em maior ou menor grau, um ser anti-social e alienado.

A ilusão religiosa encontra na característica humana da alienação uma de suas fontes de origem e de reforço constante. Por isto mesmo, o conhecimento científico da realidade (mesmo incluindo ilusões) é um modo de pensar não só mais sofisticado mas, *principalmente*, mais efetivo uma vez que admitindo retificações permite a construção de uma realidade mais satisfatória.

Se, em *Psicologia de Grupo* a sua análise girava em torno da importância da ilusão de ser igualmente amado pelo pai, chefe ou líder, aqui a ilusão é considerada como fenômeno essencial na construção da realidade psíquica e social.

O que, para Rieff, acarreta um redimensionamento das questões morais. O certo e o errado são relativizados e,

---

1 - Laplanche e Pontalis - Vocabulário da Psicanálise, (p. 548). Os autores insistem em que tal conceito não deve ser confundido com o de 'realidade de pensamento', nem com o de 'mundo interno', 'campo psicológico' ou com 'todo o subjetivo' mas deve ser entendido como "un núcleo heterogêneo ... el único verdaderamente 'real' por oposición a la mayor parte de los fenómenos psíquicos" (p. 109 de "Fantasía originária, fantasías de los orígens, origen de la fantasía".)

a questão da verdade ou falsidade de uma afirmação, praticamente desaparece. O 'falso', o 'errado', o 'desconhecido-ignorado' fazem parte integrante e irremovível dos seres humanos.

Ou, de uma outra perspectiva, como aponta Clément:

"la teoría analítica aporta elementos necesarios para pensar de otra manera la subjetividad, y el lugar de esta en la relación social, en dos puntos importantes: el status del desconocimiento, por un lado, y el lugar del pasado en el presente histórico, por otro. Por *desconocimiento* entendemos la vivencia ideológica subjetiva del hombre, siempre deformada en relación con lo real económico, con las relaciones de producción, y las determinaciones materiales..." (p. 16) e, seguindo a Freud, desconhecimento também referido às suas próprias determinações inconscientes.

## CAPÍTULO 4 - O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO (1930/1929)

4.1 - Considerações Gerais

É aqui, em *Mal-estar na Civilização*, que Freud aplica explicitamente, a sua problemática hipótese do Instinto de Morte<sup>1</sup> ao domínio da cultura e da civilização. Na verdade, ao longo de sua argumentação, ela perde o caráter de hipótese especulativa e passa a ser postulada como o princípio explicativo tanto da gênese como da evolução e, da possível destruição da espécie humana, dita civilizada.

Princípio este que tem a sua contrapartida no Instinto de Vida - tendência a preservar e a ampliar as unidades vivas. A vida já não é mais definida como resultado do conflito entre estas duas tendências mas passa a ser concebida como a própria luta entre elas. "Porque isto tem de acontecer, não sabemos..." (p. 145)

Retoma a não menos problemática hipótese de uma repressão orgânica - repressão que teria se originado "com o porte ereto do homem contra a sua primitiva existência animal" (p. 127) e, "que prepara o caminho para a civilização" (p. 120). Por mais problemática que seja, a noção de uma repressão originária é um 'a-priori' indispensável para a construção da teoria uma vez que somente através dela é possível conceber o início das formações do Ics. Como apontam Laplanche e Pontalis ela é postulada a partir de seus efeitos.

---

1 - Vide tese de Mestrado de Ary Band - Um Exame do Conceito Freudiano de Instinto de Morte", PUC/RJ, 1977.

Se, em trabalhos anteriores como, por exemplo, "*Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna*" (1908) fica-se com "a impressão de as restrições da civilização serem algo imposto de fora", agora Freud não só reafirma as teses desenvolvidas em *O Ego e o Id* sobre "o papel desempenhado nessas restrições pelas influências internas e externas e seus efeitos recíprocos" (Strachey, p. 77) como acentua a força de determinação do Instinto de Morte. Assim, o papel do Ego no conflito entre as instâncias fica profundamente alterado.

"A vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós; proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. A fim de suportá-la, não podemos dispensar as medidas paliativas". (p. 93) Esta afirmação expressa bem não apenas o tom pessimista que perpassa todo este trabalho mas também serve de apoio para a visão trágica do homem, da sociedade e de seu futuro que Freud adota, mais explicitamente aqui, em 1930.

Interessa-nos, especialmente, a sua análise dos sentimentos de culpa, "o mais importante problema no desenvolvimento da civilização."

#### 4.2 - A Felicidade Possível:

Para demonstrar que "a idéia de a vida possuir um propósito se forma e se desmorona com o sistema religioso" Freud se pergunta:

O que pedem... (os homens) da vida e o que desejam nela realizar? A resposta mal pode provocar dúvidas: Esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer. Essa empresa apresenta dois aspectos: uma meta positiva e uma meta negativa. Por um lado, visa a uma ausência de sofrí

mento e de desprazer; por outro, à experiên-  
cia de intensos sentimentos de prazer. Em  
seu sentido mais restrito, a palavra 'feli-  
cidade' só se relaciona a esses últimos. (p.  
94)

Contudo, como ele aponta a seguir estes intensos sen-  
timentos de prazer só ocorrem a partir de "um contraste, e mui-  
to pouco de um determinado estado de coisas." É em torno des-  
tas primeiras constatações sobre as limitadas possibilidades de  
os homens realizarem os seus objetivos que a argumentação de  
Freud é construída.

Analisando os diversos meios utilizados para se con-  
seguir este 'algo' - sentimento de prazer ou ausência de des-  
prazer - comumente qualificado como felicidade, que Freud desta-  
ca a "técnica da arte de viver" como a modalidade mais efetiva  
e eficaz de atingir tal objetivo uma vez que ela "faz do amor o  
centro de tudo, que busca toda a satisfação em amar e ser ama-  
do" (p. 101). Porém, como ele mesmo indica "nunca nos sentimos  
tão indefesos contra o sofrimento como quando amamos".

Mas, acima de tudo, temos o fato de que "a infelicida-  
de é muito menos difícil de experimentar. O sofrimento nos ame-  
aça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condena-  
do à decadência e à dissolução...; do mundo externo, que pode  
voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e im-  
piedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com outros  
homens". (p. 95).

Calcado em suas formulações a respeito da origem e do  
papel que o Princípio de Realidade desempenha na vida psíquica  
conclui que, a 'felicidade' embora se constitua, *fundamentalmen-*  
*te*, em "um problema da economia da libido do indivíduo .... in

dependentemente das circunstâncias externas" (p. 103) está limitada em duas frentes - pela própria constituição psíquica que abarca "uma parcela de natureza inconquistável" e, pelas exigências sócio-culturais.

Em sua visão, há uma 'incompatibilidade' insolúvel entre amor e civilização. As renúncias que a civilização exige dos indivíduos não se restringem apenas à manifestação de sua sexualidade sob a forma de amor plenamente sensual: exigência da heterossexualidade, da legitimação do casamento e, da monogamia. Também o amor inibido em sua finalidade sofre restrições em toda a gama de sua expressão possível.

Como exemplo mais ilustrativo, temos o caso do amor entre pais e filhos. Estes têm que abandonar seus pais para formar suas próprias famílias e, abandoná-los *enquanto modelos de identificação*. Neste particular, têm relevância o progresso tecnológico e as exigências da estrutura econômica da sociedade - "... visto que uma grande quantidade de energia que ela utiliza para seus próprios fins tem de ser retirada da sexualidade" (p. 125). É bem verdade que a própria estrutura econômica é também influenciada pela tecnologia; especialmente aquela destinada ao controle da natureza "do qual o homens derivam suas armas para lutar contra seus semelhantes" como ele afirma na *Conferência Introdutória XXXV*, p. 216.

Mas mesmo considerando a imbricação destes diferentes fatores Freud sustenta a tese de que a nível individual ainda é possível se obter uma cota suficiente de 'felicidade' desde que o Ego renuncie a uma parte (mais ou menos significativa na dependência do caso particular e da cultura específica) de suas possibilidades em troca de uma cota maior de segurança na rea



lização de seu objetivo. Mas mesmo aqui, ao se deter sobre o que se passa no psiquismo individual, o pessimismo é notório. Ve jamos.

#### 4.3 - Os Sentimentos de Culpa

Além de o Ego ter que lidar com os incessantes conflitos em relação ao mundo exterior - particularmente, os advindos de suas relações com as outras pessoas -, ele se defronta com as exigências não menos severas e conflitivas de seu Superego e do Id.

O Superego como "herdeiro do Complexo de Édipo" cum pre três funções básicas em sua relação com o Ego: a de modelo que deve ser atingido (ideal do ego), de auto-observação e, de consciência moral que, por seu caráter de interdição, dá origem aos sentimentos de culpa.

Focalizando este último aspecto, Freud indica que *"De início, ..., mau é tudo aquilo que, com a perda do amor, nos fas sentir ameaçados. Por medo dessa perda, deve-se evitá-lo. Esta também é a razão por que faz tão pouca diferença que já se tenha feito a coisa má ou apenas se pretenda fazê-la"* (p. 147-148). grifo nosso. Ou seja, os sentimentos decorrentes do me do de perder o amor do objeto se constituem em "uma ansiedade social" visto que o fator decisivo é o risco de ser descoberto em sua 'má' ação.

Com o surgimento do Superego ("herdeiro do Complexo de Édipo") o fator anteriormente decisivo perde sua força e significado na medida em que as interdições foram internalizadas. Não só fazer algo condenável como desejá-lo se equivalem mas "as tentações

são simplesmente aumentadas pela frustração constante" (p.149); o que leva o indivíduo a temer a sua própria consciência pois esta além de exigir a renúncia aos impulsos que entram em contradição com os valores éticos e culturais internalizados exige punição pela infração - mesmo que cometida apenas na fantasia.

Em aparente contradição Freud afirma a seguir "de início, a consciência (ou, de modo mais correto, a ansiedade<sup>1</sup> que depois se torna consciência) é, na verdade, a causa da renúncia instintiva, mas que, posteriormente, o relacionamento se inverte. Toda renúncia ao instinto torna-se agora uma fonte dinâmica de consciência, e cada nova renúncia aumenta a severidade e a intolerância desta última." (p. 152)

Isto por que, na formação do Superego (modelado de acordo com o Superego dos pais) "fatores constitucionais inatos e influências do ambiente atuam de forma combinada" porém com uma peculiaridade: "uma consciência severa surge da operação conjunta de dois fatores: *a frustração do instinto* que desencadeia a agressividade e, *a experiência de ser amado* que volta a agressividade para dentro e a transfere para o superego." (p. 154) - grifo nosso.

Da mesma forma aparentemente contraditória Freud desenvolve sua teoria sobre o surgimento e a função da angústia. Temos que considerá-la aqui, mesmo que resumidamente, para melhor compreensão do problema em pauta.

Examinando os fatores que a provocam na histeria de angústia Freud afirma que a angústia (econômica) é uma das conseqüências possíveis do processo de repressão. Ela nada mais 1 - A melhor tradução é angústia.

é do que a expressão da libido transformada. Porém, ao se de-  
ter nas possíveis relações entre angústia e repressão nas fo-  
bias (em particular), histerias e obsessões, conclui exatamente  
ao contrário: é a angústia (sinal) que provoca a repressão.

Contudo, ao focalizar a função da angústia encontra a  
solução para a contradição apontada acima: "...embora antigamen-  
te acreditasse que a ansiedade<sup>1</sup>, de maneira invariável, surgis-  
se automaticamente por um processo econômico, minha presente  
concepção de ansiedade<sup>1</sup> como um sinal emitido pelo ego a fim  
de tornar efetivo a instância do prazer-desprazer a necessidade de  
considerar o fato econômico. Naturalmente nada há a dizer con-  
tra a idéia de que é precisamente a energia que foi liberada  
por haver sido retirada através da repressão que é utilizada pe-  
lo ego para provocar o afeto..." (*In Inibição, Sintoma e Angús-  
tia, vol. XX, p. 164*)

Vejamos um pouco mais esta nova concepção apresentada  
em 1926. "...a ansiedade surgiu originalmente como uma reação  
a um estado de perigo<sup>2</sup> e é reproduzida sempre que um estado  
dessa espécie se repete." (*idem, p. 157*) Assim sendo definida  
e considerando "...a possibilidade de que a repressão seja um  
processo que possui uma relação especial com a organização *ge-  
nital* da libido..." (*idem p. 143*) Freud diz que "...de fato,  
para cada estágio do desenvolvimento está reservado como sendo

1 A melhor tradução é angústia

2 "Os estados afetivos têm-se incorporado na mente como preci-  
pitados de experiências traumáticas primevas, e quando ocor-  
re uma situação semelhante são revividos como símbolos mnêmi-  
cos". (*idem p. 114/115*). Ou mais claramente: "Na minha opi-  
nião, os outros afetos são também reproduções de experiên-  
cias muito antigas, talvez mesmo pré-individuais, de impor-  
tância vital..." (*idem, p. 156*).

adequado... um especial fator determinante de ansiedade. O pe rigo de desamparo psíquico ajusta-se ao estágio da imaturidade inicial do ego; o perigo de perda de um objeto (ou perda de amor) ajusta-se à falta de auto-suficiência dos primeiros anos da infância; o perigo de ser castrado ajusta-se à fase fálica; e, finalmente, o temor ao superego... ajusta-se ao período de latência". (*Conferência XXXII*, vol. XXII, p. 111).

Aliada aos fatos de que a superação destas fases não implica no desaparecimento completo destes fatores e que com a constituição do superego o perigo se torna menos definido há a evidência apontada por Freud de que "O temor do superego normalmente jamais deve cessar pois sob a forma de ansiedade moral, é indispensável nas relações sociais..." (idem, p. 111/112).

Daí, as conclusões a que Freud é levado: a frustra ção só se torna patogênica se aliada a uma situação de conflito interno<sup>1</sup>; portanto, a severidade do Superego representa, antes de tudo, a nossa própria agressividade em relação ao primeiro objeto de amor - ou, mais precisamente, a "ambivalência primordi al dos sentimentos."

Porém, como o indivíduo está inserido, desde sempre, na comunidade humana, Freud diz:

O que começou em relação ao pai é completa do em relação ao grupo. Se a civilização constitui o caminho necessário de desenvolvimento da família à humanidade como um tô do, então, em resultado do conflito inatô

---

1 Por esta razão, a sua outra hipótese de que "quando uma tendência instintiva experimenta repressão, seus elementos libidinais são transformados em sintomas e seus componentes agressivos em sentimentos de culpa." (p. 163)

surgido da ambivalência, da eterna luta entre as tendências de amor e de morte, acha-se a ele inextricavelmente ligado um aumento do sentimento de culpa, que talvez atinja alturas que o indivíduo considere difíceis de tolerar. (p. 157)

Ou seja, Freud recorre às hipóteses sobre a horda primitiva (vide capítulo 1.3) e dos Instintos de Vida e de Morte para explicar tanto a origem e o desenvolvimento da vida individual como da organização social e, de seus efeitos recíprocos.

A analogia entre os dois processos - individual e social - também se sustenta no fato de que ambos são processos vitais e, portanto, compartilham as mesmas características gerais. Quanto às diferenças entre eles, a mais nítida e significativa é a importância que o objetivo de ser 'feliz' tem em um e em outro caso.

No plano social, ele é secundário. Aqui, para cumprir a sua finalidade de "criar uma unidade a partir dos seres humanos individuais" é inevitável que a "função de impor restrições" atinja uma relevância tal que indivíduo e 'grupo' se coloquem em uma oposição hostil um para com o outro.

Freud é explícito ao indicar que *o que está em jogo*, em primeiro plano, determinando esta polarização hostil *não é a luta entre Eros e Tanatos mas trata-se de uma outra luta "...luta dentro da economia da libido, comparável àquela referente à distribuição da libido entre o ego e os objetos..."* (p. 166)<sup>1</sup>

---

1 Esta referência - libido narcísica e libido objetal - será melhor discutida na segunda parte, capítulo 3.3 desta dissertação.

O amor só se configura como uma forma de poder social "depois que o ódio foi satisfeito pelo ato de agressão..." (p. 156, *Tótem e Tabu*) o que implica na assunção de que o Superego, em suas características e funções, é marcado filogeneticamente. E é este Superego - veículo de transmissão "da tradição e de todos os duradouros julgamentos de valores... de geração em geração" (*Conferência XXXI*, p. 87) - que auxilia o Ego a reprimir o Complexo de Édipo; daí, também, a sua severidade excessiva.

Como no pensar mágico-onipotente, o desejo se equivale ao ato realizado, o Superego exige a punição do Ego; a cada renúncia instintiva corresponde um aumento nos sentimentos de culpa. Quanto mais culpa, maiores as tentações a que o Ego se vê sujeito mas ao mesmo tempo, uma maior margem de possibilidade de a civilização vir a atingir o seu objetivo.

Somente quando - em um segundo momento de sua constituição - ele se torna o "herdeiro do Complexo de Édipo" como resultado das identificações materna e paterna decorrentes da dissolução da situação edípica (vide parte II, capítulo 4.4) é que o amor passa a ser um poder de coesão entre os indivíduos e, a representar a consciência moral comum à todos.

O mesmo amor, fonte de prazer e de procura, na medida em que está sempre amalgamado com o ódio ou o desprazer (provocado pelos sentimentos de culpa '*inatos*') nem sempre é possível o bastante para compatibilizar, dentro do indivíduo as tendências em conflito. Neste caso, recorre-se à intoxicação química, à religião (com o '*entorpecimento*' da capacidade de pensar que acarreta) ou, no caso extremo, à doença mental.

Na vida social verifica-se algo semelhante. O presente, com suas exigências de mudanças, só muito lentamente passa a exercer influência. A tendência a repetir o passado é muito fortemente marcada.

Aqui, o que mais importa não é o programa do Princípio do Prazer mas sim *criar* uma unidade flexível e forte o bastante para 'substituir o poder dos indivíduos isolados pelo poder comunitário'<sup>1</sup>. O primeiro objetivo de toda civilização, a justiça, consiste exatamente em assegurar que "uma lei, uma vez criada, não será violada em favor de um indivíduo". (p. 116)

Mas, uma vez que "As leis são feitas por e para os membros governantes... (ela) deixa pouco espaço para os direitos daqueles que se encontram em estado de sujeição." (p. 248) Os conflitos de interesses e a frustração das "necessidades cotidianas" são uma constante. A felicidade pessoal não é pois um objetivo social; ela conta apenas secundariamente e, na medida em que for coincidente com os objetivos culturais.

Justiça, liberdade, igualdade e paz são objetivos sociais '*ideais*' de difícil e problemática consecução. Uns são até mesmo definitivamente impossíveis de serem alcançados - como por exemplo, o de igualdade ou, em termos religiosos, de amor por todos os homens. "É sempre possível unir um considerável número de pessoas no amor, enquanto sobrarem outras pessoas para receberem as manifestações de sua agressividade." (p. 136) Daí a disseminação e a força que têm os preconceitos sociais de um modo geral.

1 - Na sua carta a Einstein, Freud diz que este poder nada mais é do que *violência* bruta ou apoiada no intelecto.

É uma ilusão pensar que é possível anular as inclinações agressivas dos homens, quando muito "pode-se tentar desviá-los num tal grau que não necessitem encontrar expressão na guerra." (Carta a Einstein, p. 255)

Um dos mais importantes recursos para esta empreitada consiste em desvincular os preceitos éticos dos sistemas religiosos. Isto porque as religiões promovem um certo desprezo pela realidade concreta de vida uma vez que mantêm os homens iludidos quanto às suas reais possibilidades e limitações. O descumprimento de seus 'mandamentos' acarreta um aumento considerável dos sentimentos de culpa que aliados à 'ignorância' propiciam maior hostilidade para com a civilização e, ao mesmo tempo maior 'submissão'.

Além do que, como ele constatara em *O Futuro de uma Ilusão* "Em todas as épocas, a imoralidade encontrou na religião um apoio não menor que a moralidade." (p. 51) A conclusão de que os sistemas religiosos se constituem não apenas em ilusões mas que pouco acrescentam na tentativa de se vir a conseguir um grau de harmonia crescente nas relações entre os homens, se impõe.

"...nesse sentido, uma mudança *real* nas relações dos seres humanos com a propriedade (privada dos meios de produção) seria de muito mais ajuda do que quaisquer ordens éticas." (p. 168). Porém, pensar que esta mudança é suficiente constitui-se também em mais uma ilusão. Os grupos de pessoas marginalizadas, discriminadas e perseguidas quer por uma ou outra de suas características persistirão enquanto existir sociedade humana.



Há que se considerar que a própria biologia impõe seus limites através das diferenças sexuais e de capacitação para o trabalho. O psiquismo individual também "não dispõe de um domínio ilimitado sobre o seu id. ... o id não pôde ser controlado além de certos limites. Caso se exija mais de um homem, produzir-se-á nele uma revolta ou uma neurose, ou ele se tornará infeliz..... A ética 'natural' ,...., nada tem a oferecer aqui, exceto a satisfação narcísica de se poder pensar que se é melhor do que os outros". (p. 168)

A razão, por mais inoperante que seja para convencer a maioria dos homens a realizar as renúncias instintivas indispensáveis à manutenção da civilização, é o único meio que dispomos para controlar a natureza, inclusive a instintual. Há que se criar mecanismos, calcados no conhecimento 'objetivo' da realidade, que favoreçam "o estreitamento dos vínculos emocionais entre os homens." (Carta a Einstein, p. 255) por que hoje a comunidade humana conquistou um tal nível de controle sobre a natureza que "não teriam dificuldades em se extermarem uns aos outros, até o último homem. Sabem disso, e é daí que provém grande parte de sua inquietação, de sua infelicidade e de sua ansiedade." (p. 170)

O caminho que Freud aponta é o da educação para a realidade, o único a seu ver capaz de mitigar a severidade do Superego individual e das exigências éticas.<sup>1</sup> Ainda mais quando se

---

1 - A justificativa de Freud para a sua proposta é: ... a educação dos jovens nos dias de hoje lhes oculta o papel que a sexualidade desempenhará em suas vidas, não constitui a única censura que somos obrigados a fazer contra ela. *Seu outro pecado é não prepará-los para a agressividade da qual*

leva em conta que "A questão fatídica para a espécie humana ... (é) saber se, e até que ponto, seu desenvolvimento cultural conseguirá dominar a perturbação de sua vida comunal causada pelo instinto humano de agressão e auto-destruição." (p. 170) grifo nosso.

---

se acham destinados a se tornarem objeto. Ao encaminhar os jovens para a vida com esta falsa orientação psicológica, a educação se comporta como se devesse equipar pessoas que partem para uma expedição polar com trajes de verão e mapas dos lagos italianos. Torna-se evidente nesse fato, que se está fazendo um certo mau uso das exigências éticas (p. 158) - grifo nosso.

PARTE II

*RELAÇÕES ENTRE AS INSTÂNCIAS PSÍQUICAS*

## CAPÍTULO 1 - CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O CONCEITO DE EGO

Ao longo da obra freudiana encontramos o termo 'ego' empregado em várias acepções o que acarreta algumas dificuldades de compreensão visto que, em um mesmo artigo, as vezes até em um mesmo parágrafo, Freud repete 'ego' em sentidos bastante diferentes e, nem sempre eles estão claramente delimitados.

Vejam<sup>1</sup>os, esquematicamente, estas acepções seguindo indicações de Barros<sup>1</sup>:

- 1 - No *Projeto para uma Psicologia Científica* (1950/1895) 'ego' é o agente secundarizador dos processos psíquicos primários que ocorrem em *Psi Pallium*;
- 2 - Nos textos que se seguiram, 'ego' foi usado por Freud como a pessoa total em três sentidos distintos:
  - a - como o que contrasta com a espécie; pulsões do ego (auto-conservação do indivíduo)
    - pulsões sexuais (espécie). Veja: "*A Concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão*" (1910);
  - b - como o 'eu' em contraste ao 'não-eu' (mundo externo). Veja: "*Os Instintos e suas Vicissitudes*" (1915, p. 139);
  - c - como o sujeito da pulsão em oposição aos objetos da pulsão. Exemplo: "*Os Instintos e suas Vicissitudes*" (1915, p. 155).

---

1 - Barros, C.P. - Notas de aula.

- 3 - Em 1914, "*Sobre o Narcisismo: Uma Introdução*," temos o 'ego' como as representações dos estímulos endógenos e das vias de descarga de um lado; e, de outro, tem-se as representações do objeto;
- 4 - Na *Conferência Introdutória sobre Psicanálise*, nº XXII (1917/1916-1917), 'ego' é o *exclusivamente* psíquico em contraste com a libido (conceito fronteiriço). Ao considerar o curso de desenvolvimento do ego em contraste com o desenvolvimento da libido, Freud marca três vertentes: do Processo Primário ao Processo Secundário (desde o *Projeto*); do Princípio do Prazer ao Princípio da Realidade ("*Formulações sobre os dois princípios de funcionamento mental*", 1911); de um ego dissociado ao ego sintético (*O Ego e o Id*, p. 43-45)<sup>1</sup>
- 5 - Com *O Ego e o Id* (1923) temos, basicamente duas acepções:
- a - Ego como o aprendido em contraste com o herdado (Id). Noção problemática uma vez que o Id também implica em uma aprendizagem filogenética. "... resíduos das existências de incontáveis egos..." (p. 53);
- b - Ego como o resultado do processo de secundarização em contraste com o Id, sede dos processos primários;

---

1 - Lembrar que com relação ao desenvolvimento da libido as vertentes são: 1 - quanto à sua organização - oral, anal, fálica e genital; 2 - quanto às relações objetais - autoeróticas, narcisistas e alo-eróticas.

6 - E, nas *Novas Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise* (1933/1932), 'ego' é usado no sentido de polo defensivo da personalidade em contraste com o desejo inconsciente (Id);

7 - Ego como o sistema Pcs. - Cs. em *A Interpretação dos Sonhos* tal como veremos na p.60 desta dissertação.

Tentaremos, inicialmente, percorrer alguns destes textos para acompanharmos a construção do conceito de Ego e, a partir daí, a do conceito de Superego de modo a podermos melhor compreender as suas relações.

### 1.1 - Projeto para uma Psicologia Científica (1950/1895)<sup>1</sup>

#### 1.1.1 - Ego:

No *Projeto*, Freud define o 'ego' como uma aquisição do organismo em decorrência do seu processo de desenvolvimento filo e ontogenético. É o agente secundarizador dos processos psíquicos primários.

Na primeira distinção que Freud realiza entre os sistemas de neurônios que compõem o aparelho psíquico, o 'ego' corresponde à Psi que tem por função receber e transmitir os estímulos endógenos em relação aos quais a fuga não é possível. Somente através de uma ação específica realizada, inicialmente, por uma outra pessoa, é possível descarregá-los de modo eficaz; pois, a alteração interna produzida pela expressão das emoções

1 - Vide tese de Mestrado de Elizabeth Cruz Müller - A Metapsicologia de S. Freud como uma Neuropsicologia; Depto. de Psicologia/PUC, 1976.

de prazer e desprazer através das reações viscerais, não é suficiente para acarretar o alívio desejado. Contudo, há que se notar que é esta alteração interna a responsável pela função de comunicação empática.

Psi está relacionado com os sistemas Phi, destinado à recepção dos estímulos provenientes do mundo externo; e, ao sistema ômega que é o responsável pela percepção das indicações da qualidade<sup>1</sup> e, por esta razão, fornece à Psi as indicações da realidade que permitem ao organismo discriminar entre o objeto real e a sua lembrança bem como entre o objeto real satisfatório e o hostil.

Os sistemas Phi e Psi são, respectivamente, os responsáveis pelas funções neurônicas primária<sup>2</sup> e secundária. Mais especificamente, Psi está relacionado com a função secundária como o "portador da reserva" de energia. Isto é, ele retém e acumula a energia proveniente do interior do organismo (Psi nuclear)<sup>3</sup> e a do mundo externo conduzida por Phi (Psi pallium)<sup>4</sup> de acordo com o Princípio da Constância; ou seja, em um nível mínimo.

Psi, ao contrário de Phi, é de início impermeável à transmissão da excitação; o que acarreta a necessidade de supor um processo de facilitação: processo de alteração gradativa

1 - Sensações diferenciadas e conscientes.

2 - Tendência a descarregar toda e qualquer energia segundo o Princípio da Inércia.

3 - Psi nuclear abarca o conjunto de neurônios catexizados a partir das vias endôgenas de condução.

4 - Psi pallium é o lugar das representações psíquicas; e, por este motivo, é o responsável pelas funções da memória, da aprendizagem associativa entre a imagem mnêmica e o objeto real, pelos impulsos de desejo e pela defesa ou repulsa primária. Em outras palavras é o sistema neuronal que contém as representações decorrentes da percepção dos estímulos somáticos (p. ex., a fome) mais as representações sensoriais derivadas das percepções dos estímulos provenientes do mundo externo (do objeto; que no nosso exemplo é o seio) e, as representações resultantes das percepções dos movimentos de descarga visceral e motora. Vide esquema I elaborado por Barros a partir do Manuscrito G (figura 1, p. 277) em anexo.

nas resistências das barreiras de contato existentes entre os neurônios de modo a torná-los mais permeáveis à condução do impulso nervoso.

Considerando a quantidade ou o grau de intensidade do impulso, Freud postula que em Phi as quantidades são sempre maiores do que em Psi, que Phi as fraciona, através de seus aparelhos terminais, de modo a poder transmití-las à Psi; que a experiência da dor ocorre sempre que grandes quantidades são transmitidas à Psi e/ou que elas incidam em Phi sem passarem por seus terminais. A dor provoca uma "facilitação excelente" entre a imagem mnêmica do objeto hostil e a liberação súbita do desprazer. E, como cada neurônio Psi apresenta várias barreiras de contato, é possível supor a ocorrência de uma diferenciação na capacidade de transmissão do impulso nervoso destes neurônios de modo a permitir o estabelecimento de vias associativas de condução mais facilitadas que outras. A função da memória encontra aqui a sua explicação.

Ômega é catexizado junto com Phi e Psi sempre que ocorrer uma percepção mas não com a reprodução. Isto por que Ômega é o portador dos desvios do movimento neuronal<sup>1</sup> (caracte<sup>u</sup>rística temporal do impulso), não tendo pois memória e, podendo se agregar a qualquer processo Psi e não apenas aos processos do 'ego'. *A função básica de Ômega é a consciência:*

A consciência nos dá ... *qualidades* - *sen*sações *diferenciadas* numa ampla gama de variedades e cuja *diferença* se *discerne* em função de suas relações com o mundo externo. (p. 410)

1 - Quando a catexia em Ômega for mais intensa, ocorre a sensação de desprazer; quando mais fraca, a sensação de prazer.



Freud estabelece como modelos de funcionamento do aparelho mental as situações de satisfação (atração do desejo) e, da dor com a fuga conseqüente à percepção do objeto hostil (defesa primária<sup>1</sup>).

Pela necessidade de explicar como o organismo aprende a discriminar entre o objeto desejado e o objeto real<sup>2</sup> a fim de evitar a repetição da experiência da dor e, em particular, a evitar a alucinação do objeto desejado, com a inevitável liberação de desprazer característica desta situação, Freud postula a existência do 'ego'.

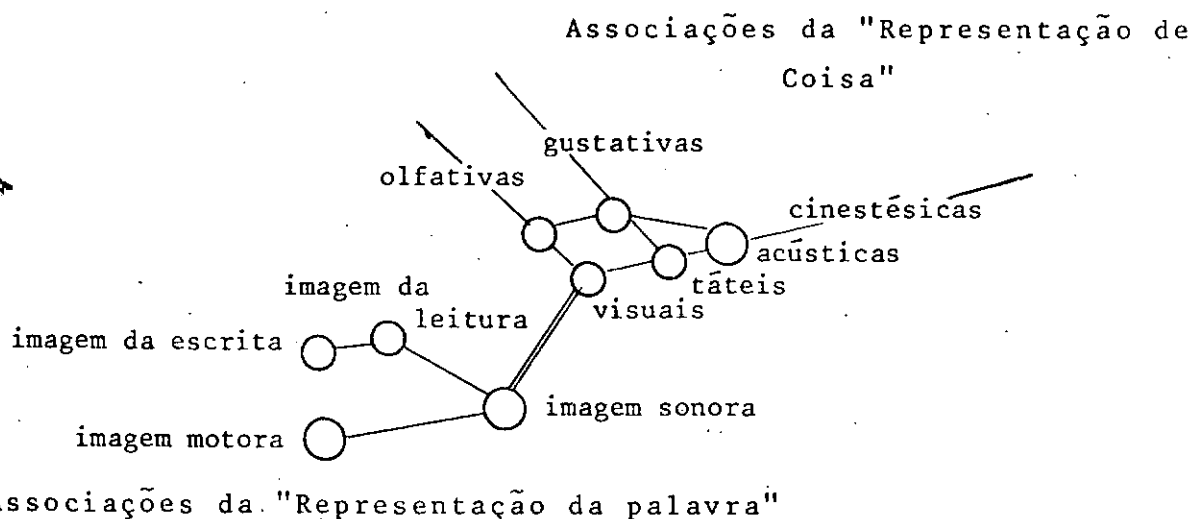
*O 'ego' é uma organização em Psi pallium que inibe a passagem da energia livre, pela catexização de um neurônio colateral produzida pelo mecanismo da atenção<sup>3</sup>, de modo a assegurar não só a discriminação necessária entre o objeto percebido e a sua lembrança mas, também, a possibilidade de um comportamento de fuga adequado. A realidade do objeto é então garantida pela constituição em Psi do 'ego' ou, na terminologia de Barros, "Psi-pallium-inibido-pelo-ego" ; é a inibição do fluxo de energia que caracteriza o processo secundário que nada mais é do que a versão atenuada, como diz Freud, dos processos psíquicos primários.*

- 
- 1 - Tendência a repressão dos processos psíquicos primários que levam às situações de desprazer e alucinação.
  - 2 - O que significa dizer, o estabelecimento de fronteiras entre o mundo interno e o mundo externo.
  - 3 - "... que induz o 'ego' a seguir as percepções e a influir sobre elas" (p. 473) cumprindo com a segunda lei biológica: "Se aparece uma indicação da realidade, então a catexia perceptiva, que existe simultaneamente, deverá ser hipercatexizada." (p. 487)

No "Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos" (1917/1915) Freud atribuirá esta função de discriminação entre percepção e memória ao teste de realidade. Aqui, entretanto, cabe ao 'ego'. Lá, ele diz:

... tenhamos ainda em mente a grande importância prática de distinguir as percepções das idéias, por mais intensamente que sejam recordadas. Toda a nossa relação com o mundo externo, com a realidade, depende de nossa capacidade nesse sentido. .... Essa função de orientar o indivíduo no mundo pela discriminação entre o que é interno e o que é externo deve ... ser exclusivamente atribuída ao sistema Cs. (Pcpt.)<sup>1</sup> O Cs. deve ter à sua disposição uma inervação motora que determina se se pode fazer com que a percepção desapareça, ou se ela oferece resistência. O teste de realidade nada mais precisa ser do que esse dispositivo. .... Situaremos o teste da realidade entre as principais instituições do ego, ao lado das censuras ... entre os sistemas psíquicos (p. 263-265)

Para que possamos melhor compreender a característica estrutural do ego, vejamos como Freud explica a estrutura da re



1 - Vide as considerações feitas em *O Ego e o Id* na presente dissertação, P. 80 e ss.

apresentação do objeto no seu trabalho sobre a *Afasia*<sup>1</sup>:

O 'ego' é constituído de duas partes: uma parte permanente e a outra, variável. Característica esta indispensável para que ele possa cumprir com o seu objetivo de inibir o fluxo de energia livre.

A parte permanente constitui o núcleo do ego que geralmente se mantém constante. A ela corresponde a 'coisa'<sup>2</sup> - parte do complexo perceptivo que não pode ser comparada com a experiência própria do sujeito uma vez que esta se deu em um tempo anterior à possibilidade de significação. Considerando o esquema acima, vemos que ela inclui as representações dos resíduos mnêmicos das percepções visual, tátil, auditiva, gustativa, olfativa cinestésica e outras mais possíveis.

---

1 - Para fins de nosso propósito, introduzimos algumas modificações no esquema proposto por Freud em *Afasia* e apresentado pelo editor da Standard no Apêndice C de "*O Inconsciente*" (1915); p. 244. O diagrama como um todo nos mostra a estrutura da representação do objeto. O que Freud chamou de "apresentação de objeto" estamos denominando "representação da coisa" utilizando o vocabulário de "*O Inconsciente*", parte VII. Lembrar que ela é indicada como um complexo aberto nos dois textos; estamos apenas indicando outros tipos de resíduos mnêmicos que devem ser considerados.

2 - A 'coisa' se opõe ao 'atributo' o que não deve ser confundido com a representação da coisa e da palavra do capítulo VII "*O Inconsciente*" (1915)

A parte variável do 'ego' é estruturada a partir das inibições que ele foi e é capaz de realizar - "Psi pallium-inibido-pelo-ego" - e, pelas alterações conseqüentes nas vias associativas de condução do impulso nervoso. É ela que permite a comparação, portanto, entre o objeto percebido e os resíduos de traços mnêmicos resultantes da experiência concreta do sujeito. Nesta medida, é ela quem possibilita a discriminação entre o objeto pertencente ao mundo externo e o objeto do mundo interno: isto é, objeto real ou alucinatório.

A ela corresponde o 'atributo' ou o 'predicado' da coisa. São as *associações verbais* que, por serem limitadas e exclusivas<sup>1</sup>, possibilitam o reconhecimento do objeto uma vez que são *as únicas capazes de vincular a energia livre possibilitando o teste de realidade*. As idéias, por que não têm qualidade sensorial, têm que se associar às representações de palavras (qualidade verbal) para que se tornem perceptíveis para o sujeito.

... existem objetos - percepções - que nos fazem *gritar*, porque provocam dor; essa associação de um som - que também suscita imagens motoras de movimentos da própria pessoa - com uma (imagem) perceptiva, que em si já é complexa, ressalta o caráter hostil do objeto e serve para dirigir a atenção para a (imagem) perceptiva .... Em uma situação em que a dor nos impediria de receber boas indicações da qualidade do objeto, a *informação do próprio grito* serve

1 - Ou seja, elas envolvem *no máximo* quatro representações: duas delas são obtidas como resultado da *percepção endopsíquica* (*percepção da emissão*) - o falado e o escrito - e, duas através dos *órgãos dos sentidos* - o lido e o ouvido. Em "*O Inconsciente*" (1915, p. 202) Freud afirma: "Ouvir algo e experimentar algo são em sua natureza psicológica, duas coisas bem diferentes, ainda que o conteúdo de ambas seja o mesmo." Vide esquema II proposto por Barros em comunicação pessoal, em anexo.

para caracterizá-lo. .... está criada a primeira espécie de *lembranças conscientes*. Pouco falta agora para inventar a linguagem. (p. 481)

A função do Ego na vida mental aparece sintetizada no *Esboço de Psicanálise* (1940/1938) da seguinte forma:

... sua função construtiva consiste em interpolar, entre a exigência feita por um instinto e a ação que a satisfaz, a atividade de pensamento que, após orientar-se no presente e avaliar experiências anteriores, se esforça, mediante ações experimentais, por calcular as conseqüências do curso de ação proposto. Dessa maneira, o ego chega a uma decisão sobre se a tentativa de obter satisfação deve ser levada a cabo ou adiada, ou se não será necessário que a exigência do instinto seja suprimida completamente por ser perigosa. ... o ego é governado por *considerações de segurança*. (p. 228) - grifo nosso.

### 1.1.2 - Processos Psíquicos Primário e Secundário em Psi

#### Pallium

Freud nos alerta para que não confundamos o processo psíquico com o estado de inconsciência. Em carta à Fliess (1º de janeiro de 1896) ele estabelece a seguinte relação: *os processos ocorridos em Psi são "inconscientes em si" por que são caracterizados pela propagação da energia livre (isto é, por não estarem vinculados às representações de palavra) até a imagem mnêmica buscando a identidade perceptual - isto é, a equivalência entre as representações. São estas duas características que os definem como primários. Eles podem adquirir a possibilidade de se tornarem conscientes "pelas associações verbais, que consistem na vinculação de neurônios Psi com neurônios uti*

lizados pelas *representações sonoras* (logo, aquelas que foram *ouvidas* especialmente), que, por sua vez, se encontram intimamente associadas com *imagens verbais motoras* (logo, as que foram *emitidas* pelo sujeito). .... Em todo caso, a excitação passa da imagem sonora para a imagem verbal e desta para a descarga." (p. 479) Ou seja, *elas só se tornam passíveis de consciência após sofrerem o processo de secundarização*. Aqui, embora a serviço da identidade perceptual, busca-se a identidade de pensamento que implica na possibilidade de adiantamento da descarga.

Resumindo, a consciência é então possível em duas situações: no momento em que o ato de percepção ocorre, pela ativação do sistema Ômega (que é o sistema responsável pelas percepções dos órgãos dos sentidos) ou, como resultado do processo de secundarização dos processos psíquicos primários ("inconscientes em si") mediante a vinculação com as representações de palavra que, pela sua qualidade verbal, suprimem a ausência de qualidade sensorial dos resíduos dos traços mnêmicos.

Assim sendo, a "*regra da defesa*"<sup>1</sup> passa a ser explicada de um outro modo: basta inibir a catexia da representação de palavra associada à imagem mnêmica do objeto hostil, desvinculando o ouvido do emitido, para que o processo perca a possibilidade de se tornar conscientizado e, principalmente, para que o 'ego' seja levado a buscar uma nova identidade perceptual com um outro objeto real mas diferente do hostil.

---

1 - Freud supõe que a "*regra da defesa*" é biologicamente determinada. O que significa dizer, ela é *aprendida e transmitida filogeneticamente*.

A identidade perceptual que consiste na catexização simultânea da imagem do objeto desejado em Psi *pallium* e da percepção do objeto em Ômega (satisfatório ou ambivalente), pode ser de dois tipos: real ou alucinatória. Ela é necessariamente real nos processos psíquicos secundários porque estes assim o exigem (inibição). Neste caso, se ocorre a indicação da realidade do objeto então o mecanismo da descarga reflexa será acionado e, por meio da ação específica requerida, o alívio da tensão ocorrerá.

É a identidade perceptual do tipo alucinatória a que permite a Freud caracterizar os processos psíquicos primários e a situação de defesa excessiva.

A alucinação ocorre quando o 'ego' em estado de tensão de desejo recatexiza excessivamente a imagem mnêmica do objeto desejado antes que Ômega forneça a indicação de realidade; portanto, sem que haja uma inibição do fluxo de energia. Há uma ativação tal que é como se tivesse havido uma percepção, mesmo na ausência do objeto.

A situação de defesa excessiva é explicada pela recatexização da imagem do objeto hostil associada à falha do 'ego' em inibir, por meio das catexias colaterais, a liberação do desprazer. Isto acontece quando "a catexia da imagem do objeto hostil emana (por associação) do próprio Psi e não do mundo externo." (p. 431)

Se há uma percepção do objeto real, proveniente do mundo externo, seja qual for a intensidade da catexia, ocorrerá uma indicação da qualidade; o que significa dizer, a sinalização da realidade será realizada. Se, entretanto, há uma percepção

ção de objeto proveniente de Psi, a indicação da realidade será realizada apenas em presença de intensidades elevadas. Daí por que a função inibidora do 'ego' ser a responsável pela secundarização dos processos psíquicos primários.

Os processos psíquicos secundários são então defini dos como "a versão atenuada" dos primários uma vez que não permitem que a catexia do objeto desejado seja excessiva, a não ser que a indicação da realidade tenha sido fornecida; e, não permitindo a liberação excessiva de desprazer, a reação de defesa será relativamente pequena.



## CAPÍTULO 2 - A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS (1900/1899)

2.1 - Considerações Gerais

É no capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos* que Freud formula uma nova concepção do aparelho psíquico de modo a explicar o processo de formação dos sonhos e o papel que eles exercem na economia mental. O trabalho do sonho é considerado por Freud como um paradigma de todo e qualquer processo psíquico, normal e patológico: o sonho é "um meio de abordagem da psicologia das neuroses" e é "a via real para o inconsciente."

A partir da noção de que o sonho, como o sintoma neurótico, é um processo com significado e onde estão expressos tanto o desejo inconsciente como a defesa contra ele, podendo pois ser inserido na cadeia de experiências daquele que sonhou, é que Freud estabelece os sistemas Inconsciente e Pré-consciente - Consciente como "locais" no aparelho que têm conteúdos, mecanismos e um tipo de energia específicos.<sup>1</sup> O 'ego' aqui é o próprio sistema Pré-consciente-Consciente, definido em contraste com o Inconsciente.

O 'ego' só se torna necessário, como uma instância psíquica organizada, quando Freud constata que nem todos os processos psíquicos secundários têm a qualidade da consciência; isto é, existem processos secundários inconscientes.

De acordo com Laplanche e Pontalis, pode-se detectar em alguns poucos pontos certos aspectos das noções relativas ao

---

1 - Em 1915. ('O Inconsciente') ele dirá que os conteúdos do Inconsciente são os representantes ideativos da pulsão.

'ego' anteriormente explicitadas no *Projeto* e nas "*Neuropsicose de Defesa*," desde que se lembre que aqui elas não têm esta referência (uma organização complexa libidinalmente investida) e, sofrem importantes modificações. A noção de defesa do 'ego' pode ser aproximada com o papel atribuído por Freud à censura onírica; porém, apenas enquanto um mecanismo de defesa, o de interdição. O papel inibidor do 'ego' é agora atribuído ao sistema Pré-consciente - Consciente (sede dos processos secundários) mas o 'ego' não é mais o agente secundarizador do processo primário como no *Projeto*. A função de "portador da reserva" de energia é reencontrada no sistema Pré-consciente-Consciente como o "portador do desejo de dormir."

## 2.2 - Os Processos Psíquicos Primários e Secundários

Freud mantém as hipóteses desenvolvidas no *Projeto* porém considerando-as agora em uma outra perspectiva. Define a estrutura do aparelho mental pela analogia com a de um microscópio composto ou a de uma máquina fotográfica, escapando assim à questão da localização anatômica. O aparelho é composto por sistemas que não se acham em uma relação do tipo espacial mas sim de ordem temporal: a excitação é transmitida de um sistema para outro em uma seqüência temporal fixa, podendo variar dependendo do tipo de processo em curso. O que significa dizer que o aparelho tem uma direção embora ela seja diferente na vida de vigília da que ocorre nos sonhos (*retrogressão*).

Reafirma que a consciência não é necessária para que processos psíquicos complexos se desenvolvam. A consciência é "apenas ... um órgão dos sentidos para a percepção das qualida

des psíquicas." Nesta medida, ela introduz um novo meio de regular os processos de condução da excitação nervosa e da descarga: "ela surge em vez de um traço de memória" e só é possível mediante a função da atenção que hipercatexiza as seqüências de pensamento sobre as quais ela se dirige.

Contudo, ele avança em relação ao modelo proposto no *Projeto* ao considerar que há uma outra maneira de os processos mentais se desenrolarem na ausência da catexia da atenção: se uma seqüência de pensamento não produz crítica, a catexia da atenção é retirada e, embora não se tenha, neste momento, consciência do curso das idéias, ele continua o seu caminho e, a qualquer instante em que ele atinja um grau elevado de intensidade catética, o mecanismo da atenção será novamente acionado. São as idéias pré-conscientes. O sistema responde ainda pelos movimentos voluntários bem como pelo desejo de dormir; mais claramente, pelos processos secundários do pensamento.

Tudo sobre o que insisto é a idéia de que a atividade do primeiro sistema  $\psi$  (Psi pallium no *Projeto*) se dirige para garantir a livre descarga das quantidades de excitação, enquanto que o segundo sistema (*Projeto*: "Psi pallium-inibido-pelo-ego"), por meio das catexias que d'ele emanam, obtém êxito em inibir a descarga e em transformar a catexia numa catexia quiescente, sem dúvida com uma elevação simultânea do seu potencial. (p. 637-638)

Ou seja, o sistema Pré-consciente-Consciente emprega a maior parte de suas catexias na inibição da descarga (logo, do desprazer que ela poderia acarretar) e apenas uma pequena parte é empregada no deslocamento. O pensamento secundarizado é um substituto de um desejo alucinatório<sup>1</sup> e, enquanto tal, busca

1 - "Tudo o que é consciente possui uma etapa preliminar inconsciente..." (p. 651)

os elos de ligação entre as idéias (identidade de pensamento) não se deixando influenciar por suas quantidades de energia ca  
tética.

As idéias pré-conscientes podem ser conscientizadas, quando hipercatexizadas pela atenção ou, podem ser suprimidas pela vinculação com os processos de pensamento inconscientes - catexia do desejo -, perdendo assim "o direito de entrada na consciência". Em qualquer um dos casos o curso das idéias con  
tinua de acordo com as leis do processo de facilitação associativa. No primeiro caso, pela vinculação com as representações de palavra; estas seqüências de pensamento não desempenham qualq  
uer papel na formação dos sonhos.

No segundo caso, elas têm que sofrer um processo de transformação para que, reforçadas pelo desejo inconsciente, pos  
sam aceder à consciência. Para tanto, vários mecanismos são utilizados.

O mecanismo da condensação consiste na concentração em um elemento ideacional único de toda a seqüência inicial e de todas as outras cadeias associativas envolvidas. Este elemento pode ser simples, quando ele está presente em todas as diferen  
tes seqüências de pensamento que o sonho procura expressar; com  
plexo, quando fruto da reunião de diferentes elementos em uma unidade.

A condensação é, ao mesmo tempo, um resultando da cen  
sura e um meio de burlá-la. Ela é, juntamente com o mecanismo do deslocamento das cotas de energia de uma representação para outra, uma das principais características dos processos primá  
rios.

Um terceiro mecanismo de transformação, que permite não só a produção como a interpretação do sonho, é a criação de idéias intermediárias. Elas são formações de compromisso entre idéias contraditórias; no pensamento "normal", aparecem como "lapsus de linguagem", por exemplo.

*O objetivo de todos estes mecanismos é tornar a catexia móvel e apta à descarga; a transformação do pensamento em imagens e em fala é um resultado possível mas não indispensável para a formação do sonho. É o caso, por exemplo, do sonho "Auto-didasker" de Freud que é explicado como o resultado da diminuição da barreira imposta pela censura existente entre os sistemas Pré-consciente e Inconsciente. Porém, os outros tipos de sonhos (alucinatórios) exigem uma nova abordagem.*

O fator decisivo para os sonhos do tipo alucinatório é o movimento retrogressivo do sistema motor (Pré-consciente) ao perceptual aliado ao fato de que "os únicos pensamentos que sofrem esta transformação são aqueles que se acham intimamente ligados a lembranças que foram suprimidas ou permaneceram inconscientes." (p. 580) Portanto, sempre temos dois aspectos envolvidos na formação dos sonhos deste tipo: a influência da censura do Consciente mais a força de atração exercida pelo desejo inconsciente, de origem infantil, que tenta preencher as condições de representabilidade necessárias para a sua expressão e realização.

Focalizando os processos psíquicos, no que particularmente nos interessa discutir nesta dissertação, temos as seguintes características dos PPP, apresentadas em 1915, em contraste com os secundários:

- "1 - núcleo constante de representações instintuais,
- 2 - desejos em busca de descarga imediata;
- 3 - desejos isentos de contradição mútua;
- 4 - ausência de negações, dúvida ou graus de certeza;
- 5 - catexias móveis que permitem deslocamento e con  
densação;
- 6 - ausência de ordenação temporal;
- 7 - obediência ao Princípio do Prazer;
- 8 - inacessibilidade à consciência;
- 9 - ausência de enlace verbal."<sup>1</sup>

Mas voltando ao texto de *A Interpretação dos Sonhos* vemos que o sistema Inconsciente é definido aqui por referência à ex  
periência de satisfação. Embora incorrendo em uma citação muito longa, vejamos como Freud o explica:

... a princípio, os esforços do aparelho dirigiam-se para manter-se, tanto quanto possível, livre dos estímulos, conseqüentemente, sua primeira estrutura acompanhava o plano de um aparelho reflexo, de maneira que qualquer excitação sensorial a chocar-se com ele podia ser prontamente descarregada ao longo de uma via motora. Mas as exigências da vida interferem com esta função simples e é a elas, também, que o aparelho deve seu impulso a novos desenvolvimentos. As exigências da vida confrontam-no, primeiramente, sob a forma das principais necessidades so  
máticas. As excitações produzidas por ne  
cessidades internas buscam descargas no mo  
vimento, que pode ser descrito como uma 'mo  
dificação interna' ou uma 'expressão de emoção'. .... Mas a situação permanece inal  
terada, porque a excitação que surge de uma necessidade interna não é devida a uma for  
ça que produz um impacto momentâneo, mas a uma força que se encontra em funcionamento

---

1 - Vide tese de Mestrado Trespalácios, Rosa Maria Pereira Mora - Narcisismo, Identificação e Constituição do Ego, PUC/RJ, 1979, p. 31.

contínuo. Uma mudança só pode surgir se, de uma maneira ou de outra ... pode ser atingida uma 'experiência de satisfação' que põe fim ao estímulo interno. Um componente essencial desta experiência de satisfação é uma percepção particular ... cuja imagem mnemônica<sup>1</sup> permanece associada, daí por diante, ao traço de memória da excitação produzida pela necessidade. Em resultado do elo que é assim estabelecido, na vez seguinte em que essa necessidade desperta, surgirá imediatamente um impulso psíquico que procurará reconstituir a imagem mnemônica<sup>1</sup> da percepção e reevocar a própria percepção, isto é, restabelecer a situação da satisfação original. Um impulso desta espécie é o que chamamos de desejo; o reaparecimento da percepção é a realização do desejo e o caminho mais curto a essa realização é uma via que conduz diretamente da excitação produzida pelo desejo a uma catexia completa de percepção. (alucinação). (p. 602-603)

Estão aí definidos a experiência de satisfação e a sua função estruturante da vida mental, o desejo e a sua realização. Por ser uma experiência concreta que antecede a toda e qualquer possibilidade de significação ela enseja processos e conteúdos que são indestrutíveis. Daí, a função do trabalho psicoterapêutico consistir em tentar submetê-los ao sistema Pré-consciente tornando-os então passíveis de serem esquecidos.

Entretanto, como o processo secundário surge muito mais tarde na vida dos indivíduos uma parcela considerável dos impulsos inconscientes desejosos permanece, sempre inacessível, à inibição do Pré-consciente (é o reprimido, 'o verdadeiro inconsciente') embora continuem de tal modo atuantes que todos os outros processos mentais têm que esforçar-se para, de um modo ou de outro, compatibilizar-se com eles.

---

1 - A melhor tradução seria: imagem mnêmica.

É com relação a estes impulsos, que não podem ser destruídos e nem inibidos, que Freud define o mecanismo da repressão. Eles têm que ser impedidos de realização na vida de vigília por que ao invés de prazer, gerariam o desprazer. A repressão consiste exatamente nesta transformação da qualidade do objeto.

Se, contudo, a repressão fracassa, surgem os sintomas que nada mais são do que formações de compromisso entre o desejo inconsciente e a defesa pré-consciente.

Na Conferência XXII analisando os fatores etiológicos das neuroses, Freud acentua o fato de que "o conceito de repressão não implica nenhuma relação com a sexualidade". (p. 400); ele é um conceito topográfico - dinâmico. Isto é, a repressão consiste no "processo pelo qual um ato admissível à consciência, portanto um ato que pertence ao sistema Pcs., é tornado inconsciente - é repellido para dentro do sistema Ics." (p. 400)

Repetindo, a repressão é definida não mais em termos de impulsos inconscientes que são barrados no seu acesso à consciência mas sim, de impulsos pré-conscientes (sistemas Pcs.) que são tornados inconscientizados (sistema Ics.) em razão da existência de um conflito psíquico<sup>1</sup>. Este surge em função da frustração externa imposta à obtenção do prazer (e, em consequência, a libido se vê forçada a procurar outros objetos e outros caminhos de satisfação) aliada ao fato de que as substituições possíveis despertam a crítica do 'ego'. Ou, nas palavras do pró

1 - "...o ego experimenta uma repressão ali onde a libido sofreu uma fixação" (p. 411)



prio Freud, a frustração só se torna patogênica caso afete "o modo de satisfação que é o único desejado pela pessoa, o único de que a pessoa é capaz" (p. 403)

Ela passa então a ser considerada não só como pré-condição para a formação dos sintomas (*Conferência XIX*) mas agora como o mecanismo característico das neuroses. Tanto que, regressão sem repressão leva à formação de uma perversão, nunca de uma neurose.

Na *Conferência XXII* Freud aponta dois perigos na evolução da função libidinal: a inibição ("nem todas as fases preparatórias são ultrapassadas com igual êxito e superadas...") e a regressão. "Quanto mais intensas as fixações em seu rumo ao desenvolvimento, mais prontamente a função fugirá às dificuldades externas, regressando às fixações.... há regressão de dois tipos: um retorno aos objetos que inicialmente foram catexizados pela libido, os quais,...., são de natureza incestuosa; e um retorno da organização sexual como um todo a estádios anteriores". (p. 397 e 399)

Mas voltando ao texto de *A Interpretação dos Sonhos*, verificamos que Freud deixa em aberto a resposta para a pergunta: quem ou o que realiza o processo de secundarização? Ela só é dada, anos mais tarde, em "*O Inconsciente*" e em *O Ego e o Id*.

Em 1915, capítulo VII ele diz: "O sistema *Ics.* contém as catexias da coisa dos objetos, as primeiras e verdadeiras catexias objetais; o sistema *Pcs.* ocorre quando essa apresentação da coisa é hipercatexizada através da ligação com as apresentações da palavra que lhe correspondem.

*São essas hipercatexias... que provocam uma organização psíquica mais elevada, possibilitando que o processo primário seja sucedido pelo processo secundário, dominante no Pcs. (p. 230)*

Porém, não é somente a linguagem<sup>1</sup> (com o aprendizado da lógica que ela acarreta) que realiza a secundarização dos processos psíquicos primários. Há que se considerar também outros aspectos determinantes: a influência do processo de identificação; a percepção de um mundo externo discriminado que introduz a noção de espaço e de tempo; a percepção discriminada dos estímulos endógenos.

O que significa dizer que é através da construção de um ego corporal (representação da superfície e do funcionamento do próprio corpo), da representação do outro, enquanto modelo de identificação e não só como objeto da pulsão, da representação do mundo externo com suas referências de espaço e de tempo, do aprendizado de uma língua e, portanto, da lógica, que o processo secundário se realiza.

---

1. - Por mais fundamental que seja o seu papel na estruturação da vida anímica.

CAPÍTULO 3 - "SOBRE O NARCISISMO: UMA INTRODUÇÃO" (1914)

3.1 - Considerações Gerais.

Recordemos a evolução do conceito de narcisismo na obra freudiana. Em nota de rodapé de 1910, aos *Três Ensaios*, Freud - seguindo a Paul Näcke e a Havelock Ellis - explica o mecanismo da inversão sexual masculina da seguinte forma:

...nos primeiros anos de sua infância, atravessam uma fase de fixação muito intensa, mas muito curta, em uma mulher (geralmente, sua mãe) e que, depois de ultrapassada esta fase, identificam-se com uma mulher e se consideram, *eles próprios*, seu objeto sexual. Isto é, partem de uma base narcísica e procuram um rapaz que se pareça com eles próprios e a quem *eles* possam amar como eram amados por sua mãe. (p. 145-146)

Sadger, em 1909, toma como central o aspecto da *atitude de narcísica* nos homossexuais.

Strachey indica, no Prefácio, que "Freud já vinha usando o termo (narcisismo) há muitos anos porém, antes desta nota de 1910, tem-se o registro de que apenas uma vez, em 1909, Freud teria feito menção a uma *fase narcísica* intermediária entre o auto-erotismo e o amor objetal, em uma reunião da Sociedade Psicanalítica de Viena.

Sabemos, contudo, que foi Otto Rank (1911) quem desenvolveu esta idéia de narcisismo como uma etapa de desenvolvimento sexual humano - "Ein Beitrag zum Narzissismus".

Freud, prosseguindo Rank e Sadger, ao analisar "O Caso Schreber" (1911) apresenta a sua concepção:

O que acontece é o seguinte: chega uma ocasião, no desenvolvimento do indivíduo, em que ele reúne seus instintos sexuais (que até aqui haviam estado empenhados em atividades auto-eróticas), a fim de conseguir um objeto amoroso; e, começa por tomar a si próprio, seu próprio corpo, como objeto amoroso, sendo apenas subsequentemente que passa daí para a escolha de alguma outra pessoa que não ele mesmo, como objeto. Esta fase equidistante entre o auto-erotismo e o amor objetal pode, talvez, ser indispensável normalmente. (p. 82-83) - grifos nossos.

Já em 1910, no livro sobre *Leonardo da Vinci*, Freud destacara o papel do desejo homossexual na paranóia e assim o explicara:

*O amor da criança por sua mãe não pode mais continuar a se desenvolver conscientemente - ele sucumbe à repressão. O menino reprime seu amor pela mãe; coloca-se em seu lugar, identifica-se com ela, e toma a si próprio como um modelo ... Dêsse modo ele transformou-se num homossexual. O que de fato aconteceu foi um retorno ao auto-erotismo... (p. 92) - grifos nossos.*

Verificamos que a partir da concepção de narcisismo como uma forma de perversão Freud desenvolve o conceito de uma etapa narcísica, normal, no desenvolvimento da libido. Desenvolve também o conceito de atitude narcísica, tanto no estudo dos homossexuais como na explicação dos limites à susceptibilidade dos neuróticos à influência terapêutica.

Em 1914, no artigo que estamos focalizando, Freud modifica a sua perspectiva de análise a partir do estudo da esquizofrenia ('parafrenia') e, dá um passo decisivo na estruturação do seu pensamento apresentando indicações valiosas para o desenvolvimento posterior dos conceitos de estrutura, relações de objeto e, para iniciar a compreensão do mecanismo de funcionamento das psicoses.

Duas questões são levantadas por Freud: *uma*, refere-se à distinção entre auto-erotismo e narcisismo.

Em 1911, são fases distintas de desenvolvimento, mas, em *Tótem e Tabu* (1912) se confundem: "... ou, em outras palavras, *dividir a primeira fase, a do auto-erotismo, em duas...*" (p. 111) é a sua recomendação.

Em 14, propõe a seguinte diferenciação entre elas: na primeira fase auto-erótica, é o próprio corpo do indivíduo o ob jeto libidinal mas, com o surgimento de uma *ação psíquica* ('ego' como unidade sintética e não mais fragmentada) o indivíduo in gressa no narcisismo.

À segunda questão que pode, por ora, ser resumida na pergunta: quantas energias psíquicas existem? Freud responde que o narcisismo é "o complemento libidinal do egoísmo do instin to de auto-preservação" (p. 90). Concepção que será alterada na *Conferência XXVI* (como veremos a seguir) e, abandonada em 1920.

### 3.2 - Narcisismo Primário e Secundário

Analisando a megalomania e os desvios do interesse pe lo mundo externo exibido pelos esquizofrênicos, Freud distingue um narcisismo primário e normal de um narcisismo secundário.

O narcisismo primário é concebido não só como uma eta pa necessária e normal do desenvolvimento da libido mas como um estado primitivo e *anobjetal*; anterior, portanto, à constitui ção do 'ego' - tanto que na *Conferência XXVI* ele afirma a si

tuação intra-uterina como seu protótipo.<sup>1</sup>

Em *O Mal-Estar na Civilização* aparece a idéia de narcisismo primário como "uma sensação de 'eternidade', um sentimento de algo ilimitado, sem fronteiras - 'oceânico', por assim dizer". (p. 81)<sup>2</sup>

Quanto à noção de um narcisismo secundário há que se distinguir duas situações. Uma, em que ele é normal e que consiste naquela parte do narcisismo que é conservada ao mesmo tempo em que são realizados investimentos objetais. Nas palavras de Freud:

...formamos a idéia de que há uma catexia libidinal original do ego, parte da qual é posteriormente transmitida a objetos, mas que fundamentalmente persiste e está relacionada com as catexias objetais, assim como o corpo de uma ameba está relacionado com os pseudópodes que produz (p. 92) - grifo nosso.

E, uma outra situação ("*Caso Schreber*", por exemplo) em que o narcisismo 'secundário' (melhor seria, regressivo) aparece como reinvestimento sobre o 'ego' da libido retirada dos objetos. Estado este inacessível à Psicanálise.<sup>3</sup>

- 
- 1 - "O quadro de isolamento bem-aventurado da vida intra-uterina que, no sono, toda pessoa mais uma vez evoca diante de nós, a cada noite, completa-se assim, também em seu lado psíquico. Em uma pessoa que dorme reconstitui-se o primitivo estado de distribuição da libido-narcisismo total, no qual a libido e o interesse do ego ainda unidos e indiferenciáveis, habitam o ego auto-suficiente." (p. 487)
- 2 - "...estamos perfeitamente dispostos a reconhecer que o sentimento 'oceânico' existe em muitas pessoas, e nos inclinamos a fazer sua origem remontar a uma fase primitiva do sentimento do ego". (p. 90) Ou seja, o narcisismo é fundamentalmente caracterizado pela indiferenciação 'eu-outro'. Vide *o Esboço de Psicanálise*, p. 216-217
- 3 - O narcisismo tem muitos pontos de contato com o autismo mas não se confundem. Veja, "*Os dois Princípios de Funcionamento Mental*" (1911), p. 279 - nota de rodapé 1.

Não confundir com esta segunda situação o conceito de *identificação narcísica*<sup>1</sup> - uma forma de substituir uma relação objetal perdida - na elaboração do luto. Embora ela se enquadre dentro desta concepção de narcisismo secundário ela desempenha um importante papel na modelagem do ego, como apontado em 1923.

Freud indica como meios de acesso para o estudo do narcisismo, além das 'parafrenias', as situações de doença orgânica, hipocondria, o sono e os sonhos, bem como a vida erótica dos seres humanos.

### 3.3 - Libido Narcísica e Libido Objetal

Freud postula os conceitos de 'libido do ego' e 'libido objetal' como "o corolário inevitável de uma hipótese original que estabelecia distinção entre os instintos sexuais e os instintos do ego." (p. 94) Além do que,

...há considerações biológicas a seu favor. O indivíduo leva realmente uma existência dúplice: uma para servir as suas próprias finalidades e a outra como um elo numa corrente, que ele serve contra sua vontade ou pelo menos involuntariamente. O indivíduo considera a sexualidade como um dos seus próprios fins, ao passo, que, de outro ponto de vista, ele é um apêndice de seu germoplasma, a cuja disposição põe suas energias em troca de uma retribuição de prazer. (p. 94)

As dificuldades se apresentam uma vez que é muito fácil confundir as pulsões libidinais do ego com as suas pulsões de auto-conservação, não sexuais; e, que Freud fala em "libido

1 - Vide "Luto e Melancolia" (1917/1915), p. 275 e ss.

de natureza essencialmente homossexual" o que exige esclarecimentos.

Tomaremos por base as tentativas de solução propostas por Laplanche e Pontalis e, a de Barros.

Com a primeira, fica melhor esclarecida a afirmação de Freud na *Conferência XXVI* de que: "... a libido permanece libido, seja ela orientada para objetos, seja para o próprio ego da pessoa, e ... ela jamais se transforma em interesse egoísta, sendo que o inverso também procede." (p. 490) Porém, permanece a questão de como caracterizar os impulsos não-sexuais do ego. Senão vejamos:

...a libido, enquanto energia pulsional, tem a sua fonte nas diversas zonas erógenas; o ego, como uma pessoa total (na acepção "2c" da página 45 por nós indicada), vai armazenar essa energia libidinal, de que é o primeiro objecto; mas o "reservatório" comporta-se ulteriormente, perante os objectos exteriores, como uma fonte, pois é dele que emanam todos os investimentos. (p. 347)

Barros<sup>1</sup> oferece-nos um quadro mais abrangente. Vejamos: de início, o ego contém, de forma dissociada, as representações dos estímulos endógenos ('instintos auto-eróticos') e das vias de descarga. Na medida em que as relações com as outras pessoas vão se tornando discriminadas e significativas, o ego passa a incluir não só as representações dos objetos de satisfação mas também, em razão de, simultaneamente, perceber e representar a atitude do 'objeto' para com ele, o ego realiza um processo de identificação através do qual se organiza como uma estrutura.

Neste sentido, o outro é percebido, representado e buscado não como objeto da pulsão mas sim como modelo de identidade

1 - Barros, C.P. Notas de aula.



ficação. São estes impulsos para a identificação os que servem ao objetivo de construção do ego como uma unidade (modelada e integrada pela interiorização de uma relação) apta a fazer frente às excitações que de outro modo poriam em risco a estabilidade do aparelho mental e, até mesmo, a sua existência - como mostrado na *Conferência XXII*, p. 415.

De um outro ponto de vista, são eles os responsáveis pela formação do 'ideal' do ego'. É através da identificação introjetiva da relação com os pais (vide *O Ego e o Id* - 4.4) e, mais tarde, pela tendência normal a retirar a energia catética do impulso para a identificação desses primeiros 'objetos' e a buscar novos modelos de identificação (pessoas e sistemas de pensamento) que o ideal do ego se estrutura. É este impulso, não - sexual, que Freud denomina "libido homossexual", por falta de um outro nome segundo Barros.

Lembrar que esta distinção entre pulsões sexuais e os interesses do ego só é possível a partir da existência de catexias objetais; antes não se pode falar em duas correntes de energia atuantes mas, apenas em uma - indiferenciada.<sup>1</sup> E, que o processo de discriminação entre elas se dá em função das "exigências da vida" - os instintos sexuais se comportam diferentemente, desde o início, dos instintos de auto-preservação no que se refere às necessidades reais" (*Conferência XXII*)

1 - Ou, como apontam Laplanche e Pontalis: "Numa perspectiva genética, podemos conceber a constituição do ego como uma unidade psíquica, correlativamente à constituição do esquema corporal. Podemos ainda pensar que tal unidade é precipitada por uma determinada imagem que o indivíduo adquire de si mesmo segundo o modelo do outro, e que é precisamente o ego. O narcisismo seria a captação amorosa do indivíduo por esta imagem". (p. 366-367) Vide tam bém o conceito lacaniano de 'fase do espelho'.

### 3.4 - Ego Ideal, Ideal do Ego e Agente Auto-Observador

As noções de 'ego ideal' e de 'ideal do ego' surgem no pensamento freudiano a partir do seu estudo do processo de idealização vinculado com a noção de narcisismo. Nem sempre elas aparecem distinguidas (como é o caso do presente trabalho e o de 23) mas vale a pena tentar marcar as diferenças.

O *ego ideal* é a formação intrapsíquica forjada a partir do *narcisismo primário* e representa o ideal narcísico de onipotência infantil.<sup>1</sup>

O *ideal do ego* se estrutura a partir do *narcisismo secundário*:

*O desenvolvimento do ego* consiste num afastamento do narcisismo primário e dá margem a uma vigorosa tentativa de recuperação, desse estado. Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um *ideal do ego imposto de fora*, sendo a satisfação provocada pela realização desse ideal. (p. 117) - grifos nossos.

São estas duas idéias - a de que o ideal do ego é um dos fatores de desenvolvimento do ego<sup>2</sup> e, a que ele é, inicialmente, imposto de fora - as que o distinguem do ego ideal. O que *não* significa dizer, que eles não mantenham relações entre si.<sup>3</sup>

1 - Para Lacan, ele pertence ao registro do imaginário.

2 - "Onde não se formou tal ideal, a tendência sexual em questão aparece inalterada na personalidade sob a forma de uma perversão." (p. 118)

3 - A idealização do objeto do mundo externo ('ideal sexual') pode ser empregada para a satisfação substitutiva do narcisismo; neste caso, a escolha objetal se fará de acordo com o tipo narcísico. Vide, 1914, p. 107

Como vimos no ítem anterior, e na p. 23 é a idealização pais enquanto modelos de identificação que leva o indivíduo a formar o seu ideal do ego.

Em *O Futuro de uma Ilusão*<sup>1</sup> esta mesma idéia aparece relacionada com a função da consciência moral que também é, de início, exercida pela autoridade dos pais e que está intimamente vinculada à ameaça, sentida pela criança, de vir a perder o seu amor.

É, principalmente, através da idéia de 'algo' imposto de fora (ideal do ego, consciência moral) que Freud introduz a dimensão social na vida psíquica. Além de vincular a libido narcísica do indivíduo, ele se constitui no "ideal comun de uma família, de uma classe ou uma nação" (p. 119). É em *Psicologia de Grupo* (1921) que Freud desenvolve melhor esta dimensão do ideal do ego.<sup>2</sup>

Aqui, é suficiente lembrar que "Cada indivíduo é uma parte componente de numerosos grupos, acha-se ligado por vínculos de identificação em muitos sentidos e construiu seu ideal do ego segundo os modelos mais variados" (p. 163). E, na medida em que é através dele, que os ideais éticos e culturais são introjetados torna-se possível compreender o abandono do ideal do ego individual pelo ideal grupal.

O ideal do ego é "o fator condicionante da repressãõ" uma vez que esta vicissitude apenas afeta os impulsos libidinosos caso eles entrem em contradição ou conflito com os valores ideais internalizados.

1 - Vide p.37 e ss desta dissertação.

2 - Vide p.19 e ss desta dissertação.

Em "A Repressão" (1915) Freud diz que este mecanismo atua diferentemente em cada indivíduo e que: "Cada derivado isolado do reprimido pode ter a sua própria vicissitude especial.... (e) o representante instintual original pode ser dividido em duas partes; uma que sofre repressão, ao passo que a restante, precisamente por causa dessa ligação íntima, passa por idealização. .... Ela é não só *individual* em seu funcionamento ... como também extremamente *móbil*. ... a repressão exige um dispêndio persistente de força ..." (p. 173-174). Aqui, é o ego quem realiza o processo defensivo.

Ou seja, é por isto que o ideal do ego "aumenta as exigências do ego". Uma das saídas possíveis é a sublimação dos impulsos - "maneira pela qual essas exigências podem ser atendidas *sem* envolver repressão". (p. 112)

É importante pois anotar que a partir de 1914 o conflito psíquico se estabelece não só entre o 'ego' e a sexualidade mas também entre o 'ego' e o ideal do ego.

Desta diferenciação no 'ego' de um ideal do ego Freud é levado a supor um "agente psíquico especial" - agente auto-observador - que "vigia, que descobre e que critica todas as nossas intenções" a fim de tentar assegurar ao ego a satisfação narcísica proveniente da realização das exigências do ideal do ego."

Freud utiliza esta noção de um agente auto-observador aliada ao de mecanismo do repúdio - característico das psicoses-para explicar os delírios de ser vigiado; assim como, em nota de rodapé (p. 114) afirma que "o desenvolvimento e o fortalecimento desse agente observador podem encerrar em si

mesmos a gênese subsequente da memória (subjetiva) e o fator tempo". Isto é, ele desempenha funções que auxiliam o ego em seu processo de desenvolvimento.

Como veremos a seguir (4.4) o conceito de Superego desenvolvido em 1923 é um resultado da combinação destas duas noções: ideal do ego e agente auto-observador.

Nesta medida, o narcisismo nunca é totalmente abandonado e é, em parte, responsável pela estruturação crescentemente complexa do 'ego' e, em última instância do aparelho mental.

## CAPÍTULO IV - O EGO E O ID (1923)

4.1 - Considerações Gerais

Como aponta Strachey, *O Ego e o Id* "é o último grande trabalho teórico de Freud". É aqui que ele apresenta a sua quarta e última concepção sobre a constituição do aparelho psíquico e, onde toda a ênfase é posta na estruturação de sua organização. Com esta nova hipótese topográfica temos três instâncias ou sistemas: o Ego, o Id e o Superego. Estes não se superpõem aos de 1915, quando tínhamos: o Inconsciente, o Pré-Consciente e Consciente. Em 1923, consciente e inconsciente ficam apenas como meras *qualidades* psíquicas; e, a topografia de 15 é então derrogada.

A concepção apresentada no capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos* era insuficiente para explicar a censura uma vez que ela devia ser considerada como pertencendo, ao mesmo tempo, ao sistema Ics. e ao Pcs.-Cs.. Estes sistemas estão vagamente definidos em função da capacidade de condução da excitação e do seu registro mnêmico.

Somente em "*O Inconsciente*" (1915) é que Freud consegue estabelecer com clareza o critério diferencial e suficiente para distinguir os sistemas Ics. e Pcs.-Cs. e, explicar o processo de repressão.

Retomando suas indagações quanto a que fator atribuir a possibilidade de uma representação inconsciente tornar-se consciente, afirma que o decisivo é a vinculação com a representação de palavra. É levado então a caracterizar os sistemas psíquicos

quicos a partir desta distinção. "Uma apresentação que não seja posta em palavras, ou um fato psíquico que não seja hipercatexizado, permanece a partir de então no Ics. em estado de represção." (p. 230) Catexia Pcs. ou catexia verbal ou representação de palavra ou hipercatexia é o agente secundarizador dos processos psíquicos. A repressão, primarização, passa a corresponder à perda da hipercatexia ou seja, à perda da representação de palavra.

Em 15, quando Freud admite a existência de dois sistemas: Ics. e Pcs.-Cs., a referência é aos sistemas mnêmicos (como em *A Interpretação dos Sonhos*) regulados, respectivamente, pelos processos psíquicos primários e secundários. A separação que ele sugere entre os sistemas é realizada a partir do papel desempenhado pela censura: percepção da angústia decorrente de um estado de desprazer maior do que de prazer obtido na satisfação das pulsões desencadeando então o processo defensivo.

Por outro lado, Freud admite a existência de três sistemas psíquicos: Ics., Pcs. e Cs., neste caso, postula "...a existência da censura entre o Pcs. e o Cs. ... tornar-se consciente não constitui um mero ato de percepção, sendo provavelmente também uma *hipercatexia*, um avanço ulterior na organização psíquica." (p. 222)

O sistema Ics., sede dos processos psíquicos primários, é então marcado pelas características deste modo de funcionamento mental: é o núcleo das representações de coisas e, dos desejos em busca de descarga imediata. Desejos isentos de contradição mútua visto que, no Inconsciente não há dúvida, nene

gação e nem tampouco, noção de tempo. As suas catexias são móveis, o que torna possível o deslocamento e a condensação. Regência do Princípio do Prazer que, nesta época, não se distingue, conceitualmente, da noção de processos psíquicos primários.

Quando no "Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos" (1917/1915) aparecem três sistemas, na página 264, a referência é outra. Já não mais se trata dos mesmos sistemas mnêmicos Ics. e Pcs.-Cs. de "O Inconsciente". A referência é ao sistema perceptual.

De acordo com Barros<sup>1</sup>, Freud confunde neste texto os sistemas Pcs. Cs. com o Pept. - Cs. Convém notar que:

a) *Pept.-Cs.* é o nome do sistema de superfície do aparelho; portanto, não tem a propriedade de armazenar os traços dos resíduos mnêmicos conseqüentes ao ato de percepção;

*Pcs.-Cs* é o sistema de memória do aparelho e, abarca tanto as representações conscientes como as pré-conscientes.

b) os conteúdos pré-conscientes têm duas origens diversas: grande parte origina-se no Inconsciente reprimido e, sofre a ação da censura antes que possa se tornar consciente; porém, a outra parte é formada pelos conteúdos latentes e, portanto, não está sujeita à censura.

c) Aqui, *Pcpt.-Cs. ou Cs.* corresponde ao sistema Ômega do Projeto e, não ao sistema Cs. (Pcs.) de 1915.

1 - Barros, C.P. Notas de aula.



A mesma confusão reaparece em 1923, quando a consciência é definida como "a superfície do aparelho" consistindo, essencialmente, nas percepções das excitações provindas do mundo exterior e, das sensações e sentimentos. Porém, como vimos acima, ela é mais do que mera superfície uma vez que ela também integra o sistema Pcs.-Cs. "que se inclina sobre os resíduos mnêmicos" (p. 37); destacando-se dentre eles, os resíduos verbais.<sup>1</sup>

Temos de considerar ainda um outro argumento de Freud reafirmado em 1915:

É uma verdade geral que nossa atividade mental se movimenta em duas direções opostas: ou parte dos instintos e passa através do sistema Ics. até a atividade de pensamento consciente, ou, começando de fora, passa através do sistema Cs. e do Pcs., até alcançar as catexias do ego e dos objetos (p.232)

Assim, verificamos que o que, realmente, importa considerar é o tipo de processo em curso: primarização ou secundarização dos impulsos. Tanto que em 1939, *Moisés e o Monoteísmo*, enfatizando também a idéia de uma relação de interdependência entre os sistemas Freud dirá:

No que concerne à relação entre as duas províncias mentais, presumimos portanto, que por um lado, processos inconscientes do id são levados ao nível do pré-consciente e incorporados ao ego, e que, por outro lado, material pré-consciente do ego pode seguir o caminho oposto e ser devolvido ao id. (p. 117)

Um outro ponto que merece atenção é o da Prova de Realidade. Para discutí-la em 1917, Freud introduz o conceito de Pcpt.-Cs. o que acarreta a ambiguidade denunciada anteriormente.

1 - Haveria, pois, que se acrescentar ao Pcs. da figura 1 de *O Ego e o Id*, p. 38, esta dimensão: Pcs.-Cs.

Além disso, há que se considerar que embora Freud reconheça três tipos de realidades, ele não consegue discriminá-las com clareza. Temos: 1) eventos característicos da realidade psíquica (processos de pensamento; endopsíquicos); 2) os eventos da realidade corporal (sensações e sentimentos; endógenos) e, 3) os da realidade do mundo exterior (exógenos). Esta distinção nos permite compreender melhor a sua afirmação de que enquanto instância, a Prova de Realidade provê a discriminação necessária entre percepção endopsíquica das outras duas.

Sabidamente, o texto freudiano é muito rico e caracterizado pelas oscilações e ambiguidades de sentido dos seus conceitos-chave, dando margem a várias correntes de interpretações.

Esta discussão nos parece, particularmente, importante para o esclarecimento de um dos pontos mais obscuros da teoria psicanalítica: a gênese do Ego. Ela se enquadra dentro de uma certa linha que concebe o Ego como uma organização coesa que se desenvolve a partir de "certas percepções privilegiadas, que provêm, não do mundo exterior em geral, mas do mundo inter-humano"<sup>1</sup> E, como veremos adiante, leva em conta não só as forças que atuam no sentido de sua preservação mas também aquelas que o impulsioanam para um desenvolvimento.<sup>2</sup>

Ela nos interessa, especialmente, na medida em que nos remete à nossa questão: as relações do Ego com o Superego, onde noções como as de identificação, introjeção e narcisismo são centrais.

---

1 - Laplanche e Pontalis - Vocabulário da Psicanálise, p. 187. Ou, como enfatiza Freud, se desenvolve a partir tanto do mundo externo quanto do próprio corpo da pessoa.

2 - Vide tese de Trespalácios, p. 144

#### 4.2 - O Ego e o Id

É a partir das noções dos sistemas Ics. e Pcs.-Cs. que Freud elabora os conceitos de Ego e Id. Relembrando, temos:

- a) O sistema Ics. é a sede dos processos psíquicos primários e abarca os conteúdos da herança filogenética comum a toda a espécie humana e, todos os conteúdos reprimidos: tanto aqueles que resultaram da repressão originária como os conteúdos que foram excluídos da cadeia associativa normal, pelo processo de repressão propriamente dita. Neste último caso, há que se incluir os conteúdos pré-verbais, da primeira infância.
- b) o sistema Pcs.-Cs., sede dos processos secundários, compreende os demais conteúdos. Freud enfatiza que o fato de uma representação pertencer a este sistema não garante que ela venha a se tornar consciente mas apenas indica uma possibilidade.

Porém, especialmente depois de seu livro *Além do Princípio do Prazer* (1920) Freud verifica que há necessidade de reformular a sua concepção do aparelho psíquico visto que o critério de acessibilidade à consciência mostrara-se inadequado. Consciente e inconsciente passam a ser apenas qualidades dos processos mentais. De agora em diante já não mais designam sistemas que organizam a atividade anímica.

Contudo, no final da primeira parte de *O Ego e o Id* encontramos a seguinte afirmação: "... a propriedade de ser consciente ou não constitui, em última análise, o nosso único farol

na treva da psicologia profunda." Convicção que já fora abandonada anteriormente e que não volta a reaparecer em nenhum de seus textos posteriores.

Tanto que em 1939, *Moisés e o Monoteísmo*, reencontramos a afirmação de que a consciência é uma qualidade transitória e, que por esta razão, não serve de guia nas 'trevas da psicologia'. "Temos de introduzir uma outra distinção que não é mais qualitativa, mas *tópográfica* e, o que lhe dá valor especial, simultaneamente *genética*." É a *antítese estrutural entre Ego e Id e, o fato de que "O curso dos acontecimentos no id e sua interação mútua são governados por leis inteiramente diferentes das que prevalecem no ego. Foi, na verdade, a descoberta dessas diferenças que nos conduziu à nossa visão e que a justifica."* (p. 117) - grifos nossos.

Esta última idéia sobre qual é o fator diferencial entre a atividade consciente e inconsciente já está presente desde 1912, em "*Uma nota sobre o inconsciente na Psicanálise*" onde Freud afirma que "as leis da atividade inconsciente diferem amplamente daquelas da consciente." (p. 333-334) Contudo, só em 1915 em "*O Inconsciente*," parte II, é que ele consegue explicitar claramente quais são estas leis e a que se destinam: demarcar o grau de coesão e de hierarquia dos sistemas psíquicos. São os processos psíquicos primários e secundários que dão aos sistemas um grau menor ou maior, respectivamente, de organização.

No sentido descritivo, temos dois "tipos de coisas que são inconscientes"; o latente que é identificado com o pré-consciente e, o recalcado ou reprimido "que não é, em si próprio e sem mais trabalho, capaz de tornar-se consciente." (p.

27 ) Do ponto de vista dinâmico, temos apenas um inconsciente - o reprimido. É a partir destas distinções que Freud inicia sua análise da estrutura e do funcionamento do Ego em suas relações com o Id.

O Ego é a sede dos processos psíquicos secundários; seus conteúdos são tanto conscientes como pré-conscientes e, uma parte importante, inconscientes. Pela secundarização dos processos psíquicos é ele quem dá coerência à vida anímica; melhor seria dizer, é ele quem dá *coesão*. É sua a tarefa de proceder ao teste de realidade e, cabe-lhe supervisionar todas as atividades realizadas até mesmo durante o sono. É o responsável tanto pelos mecanismos de defesa como pelas resistências "que o ego apresenta contra o preocupar-se com o reprimido." Assim sendo, é ele quem "controla as abordagens à motilidade - isto é, à descarga de excitação para o mundo externo." Ou dito de um outro modo, é a "esse ego que a consciência se acha ligada." (p. 28-29) E, como ele dirá em 1940, no *Esboço*, cabe-lhe a tarefa de auto-preservação - manter sua organização e sua autonomia e, para tanto, tem que enfrentar as exigências do mundo externo, do Id e do Superego.

O Ego diferencia-se da camada periférica do Id "aquela parte que foi modificada pela influência direta do mundo externo" e tenta exercer influência sobre o Id procurando submeter as suas exigências ao Princípio da Realidade - o único capaz de proporcionar-lhe uma satisfação segura e adequada. Deste ponto de vista, pode-se dizer que o Ego representa o polo defensivo da personalidade contra a percepção dos desejos não compatíveis com a realidade e, especialmente, contra aqueles não compatíveis com os valores éticos e culturais internalizados pelo indivíduo a partir da

formação do Superego - conceituado como uma sub-estrutura do Ego.

O núcleo do Ego é constituído pelo sistema Pcpt.-Cs.; sendo que um fator decisivo para o seu desenvolvimento é o fato de que "O próprio corpo de uma pessoa e, acima de tudo, a sua superfície, constitui um lugar de onde podem originar-se percepções tanto externas como internas. Ele é visto como qualquer outro objeto, mas, ao tato, produz duas espécies de sensações, uma das quais pode ser o equivalente a uma percepção interna." (p. 39) Daí, ser afirmado que o Ego é "primeiro e acima de tudo, um ego corporal."

Entretanto, como o próprio Freud aponta, "... o caráter do ego é um precipitado de catexias objetais abandonadas e ... ele contém a história dessas escolhas de objeto." (p.43-44)<sup>1</sup> Porém, na medida em que o Ego fica mais forte, isto é, que se torna mais coeso, ele fica mais resistente à influência destas identificações. Além disso, o Ego, que introjeta, que resiste, é também capaz de expulsar mediante os mecanismos de projeção e repressão. E é este processo seletivo do Ego que Grinberg<sup>2</sup> compara com o processo metabólico do corpo.

Uma vez que a sua parte inferior encontra-se fundida com o Id, muitas vezes é-lhe impossível submeter os desejos inconscientes a um adiamento ou mesmo supressão; transforma, então, "em ação a vontade do id, como se fosse a sua própria." Em

1 - Nos itens que se seguem discutiremos melhor esta noção e apresentaremos uma tentativa de solução para os problemas que ela suscita.

2 - Grinberg, L. - La Teoría de la Identificación; Paidós, Argentina, 1976.

bora o Ego seja, principalmente, pré-consciente, muitos de seus processos são inconscientes.

É através da duplicidade de funções do Superego - como veremos adiante - que o Ego encontra reforço para o seu intento de compatibilizar as demandas provenientes do mundo externo, do Id e do Superego.

O Id é considerado como a primeira instância tanto do ponto de vista filológico como ontogenético. É a estrutura originária "submetida às pulsões de origem somática" como indica Borges.<sup>1</sup> É a partir dele que as outras estruturas se constituem e se desenvolvem; ele é a sede dos processos psíquicos primários e obedece ao Princípio do Prazer. Abarca os conteúdos inconscientes e os reprimidos - embora estes se encontrem em uma parte diferenciada em virtude de sua origem: repressão originária.

Em 1939, indagando-se sobre o que constitui esta herança arcaica, filogenética, Freud diz: "... ela consiste em certas disposições (inatas), características de todos os organismos vivos; isto é, na capacidade e tendência de ingressar em linhas específicas de desenvolvimento e de reagir, de maneira específica, a certas excitações, impressões e estímulos. ... a esse respeito, existem distinções entre os indivíduos da espécie humana, a herança arcaica deve incluir essas distinções; elas representam o ... fator *constitucional* no indivíduo." (p. 119)

---

1. - Neste mesmo texto, p. 48 e ss., Borges discute o Princípio do Prazer em relação ao Princípio da Constância e aos processos psíquicos primários.

De um outro ponto de vista e, seguindo sugestão de Barros, verificamos que o contraste entre o Ego e o Id com referência ao que é aprendido e ao que é herdado filogeneticamente, é insustentável não só pela noção de protofantasias<sup>1</sup> como pela tese defendida por Freud de que é possível a transmissão hereditária de caracteres egóicos adquiridos. Isto é, o próprio Id abarcaria traços de memória da experiência de gerações anteriores. Freud justifica tal suposição como inevitável e indispensável para cruzar "o abismo existente entre psicologia individual e do grupo." (1939, p. 121)

Esta tese é assim apresentada em 1923:

As experiências do ego parecem, a princípio, estar perdidas para a herança; mas, quando se repetem com bastante frequência e com intensidade suficiente em muitos indivíduos, em gerações sucessivas, transformam-se, por assim dizer, em experiências do id<sup>2</sup>, cujas impressões são preservadas por herança. Dessa maneira, no id, que é capaz de ser herdado, acham-se abrigados resíduos das existências de incontáveis egos ... (p. 53)

#### 4.3 - A Identificação

O conceito de identificação é um dos elementos-chave para a construção do conceito de Superego. Strachey afirma que "foi somente no presente trabalho (1923) que Freud chegou às suas opiniões finais sobre a derivação do superego das primitivas relações objetais da criança." (p. 21)

1 - Idem, p. 105 e ss..

2 - Melhor seria dizer, transformam-se em conteúdos do Ego - Ego filogenético. Este aspecto será mais discutido no item 4.5 - As relações entre o Ego, o Id e o Superego.



Em "*Luto e Melancolia*" (1917/1915) encontramos a análise mais apurada e sistemática de Freud do mecanismo de identificação. Vejamos como ele o considera nesta ocasião.

A identificação é postulada como um processo que evolui em três etapas. O primeiro momento é marcado pela fusão do 'ego' como o objeto; logo, a identificação é "direta e imediata". Este estado de indiferenciação existente entre o 'eu-não eu' o fará postular esta etapa como anobjetal (concepção predominante em seu pensamento) e, assim, considerar que a identificação que aqui ocorre como primária.

Na etapa seguinte, "objetal", a identificação é do tipo secundário uma vez que é realizada através da escolha do objeto.

Nos casos de perda do objeto, normal ou patológica, a identificação substitui a catexia objetal. "... a sombra do objeto caiu sobre o ego, e este pôde, daí por diante, ser julgado por um agente especial, como se fosse um objeto, o objeto abandonado." (p. 281) Noção que será modificada ao analisar a dissolução do Complexo de Édipo, como veremos adiante, quando ele introduz a noção de juízo de condenação

Em *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (1921) ele amplia a importância do mecanismo de identificação desde o parágrafo inicial - "Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente ..." - e, reafirma a relação estabelecida em 1914 entre narcicismo e auto-estima<sup>1</sup>.

---

1 - Vide capítulo 2.3 da primeira parte desta dissertação.

Em 1917, as diferenças apontadas por Freud entre as situações de luto e melancolia no que se refere à auto-estima, dizem respeito, basicamente, a dois pontos: inconsciência da perda no melancólico e, é o próprio ego que se percebe empobrecido enquanto que no luto, é o mundo externo "que se torna pobre e vazio."

Esta concepção do mecanismo de identificação reaparece em 1923, ao tratar da origem do Superego.

... por trás dele jaz oculta a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, a sua identificação com o pai (com os pais) em sua própria pré-história pessoal. Isso aparentemente não é, em primeira instância, a consequência ou o resultado de uma catexia do objeto; trata-se de uma identificação direta e imediata, e se efetua mais primitivamente do que qualquer catexia do objeto. (p. 45-46) - grifo nosso.

O Superego surge então no primeiro momento de vida onde ainda não se estabeleceu a diferenciação entre 'eu-não-eu' e, como resultado de uma identificação com o Superego dos pais, não discriminados. Este é o Superego filogenético e não o "herdeiro do Complexo de Édipo" que aparecerá mais tarde no processo de desenvolvimento do Ego.

Um outro ponto que Freud desenvolve em 1923 refere-se à questão do sentimento de culpa. Discutindo-o na neurose obsessiva e na melancolia, ele verifica que:

Na neurose obsessiva, o que estava em questão eram impulsos censuráveis que permaneciam fora do ego, enquanto que na melancolia o objeto a que a ira do superego se aplica foi incluído no ego mediante identificação. (p. 67-68)

Agora, dispondo do conceito de Superego, pode rever o

aspecto de 'inconsciência' afirmado em 1917 e constatar que "... grande parte do sentimento de culpa deve normalmente permanecer inconsciente, pois a origem da consciência (moral) acha-se intimamente vinculada ao Complexo de Édipo, que pertence ao inconsciente." (p. 68) - grifo nosso.

Para que possamos obter um quadro explicativo mais satisfatório do mecanismo de identificação iremos considerar, inicialmente, o papel que a realidade externa desempenha na estruturação do psiquismo.<sup>1</sup>

Desde o início da vida, a realidade exterior está presente provendo o bebê tanto dos objetos que necessita para garantir a sua existência biológica (leite, etc.) como também aqueles que servem para a construção do psiquismo: modelos de identificação vinculados aos sentimentos de prazer-desprazer, marcados não só pela presença-ausência do objeto mas, fundamentalmente, pelas suas qualidades psicológicas.<sup>2</sup>

As relações interpessoais (bebê-pais) estabelecidas, filo e ontogeneticamente, se dão a partir das identificações com as representações do outro, seja ele percebido e representado de forma discriminada ou não.

Este 'outro' é percebido, desde o início, como um colaborador, um rival ou um agressor como indicado por Freud em 1921. Porém, além da 'pessoa' do outro e de suas qualidades psicológicas atualizadas na relação com o bebê, temos o 'outro-linguagem' Fator que desde o *Projeto* e, principalmente, no capítulo VII de "*O Inconsciente*," se encontra enfatizado e ressaltado

1 - Vide a tese de Maria Luiza Borges.

2 - Vide a tese de Trespalácios, p. 141.

por Freud como estruturante da vida mental.

Em síntese, a realidade externa provê aportes tanto físicos como sociais e lingüísticos desde o começo da vida, não podendo pois ser considerada como 'indiferente'. Na *Conferência XXII*, onde ao analisar os fatores de secundarização dos processos primários, Freud inclui a realidade externa sob três diferentes aspectos: como objeto da libido, como modelo de identificação e, como articuladora do mundo interno com o mundo externo através da linguagem.

Contudo, há uma outra dimensão que intervém, entrecruzando-se com a realidade externa - qual seja, a realidade corporal. Esta não só está presente pelas possibilidades constitucionais que o bebê tem ao nascer mas também é ela própria fonte de estimulação, gratificação e modelagem do Ego. Tanto que Freud diz: "O ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície." (p. 40)

Em "*Os Instintos e suas Vicissitudes*" (1915) ao descrever o desenvolvimento da libido, Freud caracteriza a primeira fase (anárquica) como aquela em que os instintos parciais buscam satisfação nas diversas partes do próprio corpo (zonas erógenas), de modo independente uns dos outros. Ou seja, o corpo é tratado como um objeto da pulsão: auto-erotismo.

Encontramos em *Trespalácios*<sup>1</sup> duas distinções que nos parecem ser bastante relevantes: entre impulso para a identifi

---

1 - Vide sua tese, p. 131 e ss., onde a autora desenvolve a explicitação dos modelos de conservação e de desenvolvimento do organismo e do Ego.

cação e impulso de desejo a partir, respectivamente, de suas fontes somática e psíquica; e, entre impulso para identificação e o resultado do mecanismo de identificação.

De acordo com a autora, os objetos que satisfazem o impulso para a identificação não são os mesmos que os que atendem ao desejo inconsciente. Melhor ainda, seria dizer, que há que distinguir entre as noções de objeto e de modelo.<sup>1</sup> Os objetos que satisfazem as 'necessidades narcísicas', isto é, do Ego

... são encontrados em outras pessoas na forma de *qualidades psicológicas*. .... é a existência de uma *representação filogenética de completude que induz à escolha da mãe como modelo de identificação*, por ser esta percebida como possuidora das qualidades representadas filogeneticamente. *Intrjetado esse objeto de identificação, ele se constitui em ego ideal<sup>2</sup> do bebê*. Podemos dizer, portanto, que é do contraste entre a percepção do ego real e a representação do ego ideal<sup>2</sup> que surge uma "tensão narcísica" que gera o impulso para o identificação. (p. 141)

Ou seja, é através dos modelos de identificação (inclusive, de origem filogenética) que o Ego se completa<sup>3</sup> aliado ao papel que a linguagem desempenha como "provedora de uma terceira série de qualidades - as qualidades de pensamento... as palavras não apenas tornam comunicáveis os processos de pensamentos: elas, por assim dizer, os tornam pensáveis." Borges, p. 91 e 93/94) - grifo nosso

Quanto à distinção entre 'libido narcísica' e 'libido objetal' realizada por Freud em função de o objeto ser o pró

1 - Vide esta distinção na p. 74 a 76 dessa dissertação.

2 - Melhor seria dizer, ideal do ego.

3 - Torna-se necessário considerar o papel de outros processos além de identificação na constituição do Ego coeso ou sintético. Seguindo a Freud, temos os processos de excreção (ex. projeção), os comportamentos de fuga (objeto hostil) e, de agressão em relação aos objetos nocivos.

prio 'ego' ou pertencer ao mundo exterior, a autora propõe um novo critério - a finalidade.

... a "libido narcísica" tem como finalidade desenvolver e conservar o "Ego" ... e a "libido objetal" tem como finalidade a reprodução ... (p. 144)

Distinção esta que se mantém dentro do modelo teórico dos instintos apresentado por Freud em 1915 e, sugerida por ele no *Esboço de Psicanálise*. Ela nos permite compreender melhor o processo de "transformação da libido do objeto em libido narcísica" tal como proposto em 1914 e, reafirmado em 23 ao tentar explicar a "dessexualização" do impulso libidinal na sublimação.

Por homologia ao modo de satisfação do desejo humano - identidade perceptual entre o objeto e a sua representação psíquica -, a autora propõe que a identificação propriamente dita só ocorre quando se estabelece uma identidade perceptual entre ego real e ego ideal.<sup>1</sup>

Portanto, o impulso para a identificação não é libidinal uma vez que ele não busca objetos para satisfazer o desejo sexual mas sim, busca modelos de identificação.

#### 4.4 - O Ego e o Superego

O Superego é postulado por Freud como a terceira instância psíquica pela combinação dos conceitos de ideal do ego e de agente auto-observador, formulados em 1914.

---

1 - Melhor seria dizer, ideal do ego.

Notadamente, três trabalhos precedentes também con  
tribuíram e serviram de apoio ao conceito de Superego: "Formu  
lações sobre os dois Princípios de Funcionamento Mental" (1911) on  
de Freud atribui a superação dos processos primários ao fato  
de eles não serem capazes de garantir um grau de satisfação ade  
quado das necessidades do indivíduo por não permitirem que a  
realidade seja devidamente considerada; "Luto e Melancolia"  
(1917/1915) onde, como já vimos, ele apresenta o mecanismo de  
identificação como um processo sempre atuante, em toda a traje  
tória de vida; e, Psicologia de Grupo (1921) onde Freud estabe-  
lece o mecanismo de identificação como o conceito explicativo  
básico tanto da Psicologia individual como social. É através da  
constituição do ideal do ego que se torna possível não só a  
superação do narcisismo individual - pela influência da realida  
de externa agora também internalizada - mas por ele permitir um  
grau maior de inserção social - identificação a partir do ide  
al do ego compartilhado com vários indivíduos.

Desde A Interpretação dos Sonhos que Freud fala em  
"pensamentos transferenciais" que nada mais são do que pensamen  
tos pré-conscientes que receberam, por deslocamento, a catexia  
inconsciente; e, podem agora, como "veículos do desejo incons  
ciente", entrar em relação de contradição com as seqüências de  
idéias intencionais do Pcs.-Cs.; mesmo que a custa da produção  
de um "afeto penoso".

Como ele aponta em 1923, "A tensão entre as exigên  
cias da consciência e os desempenhos concretos do ego é experi  
mentada como sentimento de culpa. Os sentimentos sociais repou  
sam em identificações com outras pessoas, na base de possuírem

o mesmo ideal do ego."<sup>1</sup> Ou, como ele afirmara em 20: "mesmo sob a dominância do Princípio do Prazer, há maneiras e meios suficientes para tornar o que em si mesmo é desagradável num tema a ser rememorado e elaborado pela mente." (p. 29)

A partir de todas estas idéias Freud postula uma parte diferenciada no Ego que tem por funções: permitir que o indivíduo se aproprie do que "a biologia e as vicissitudes da espécie humana criaram no 'id'" (p. 51); auxiliar o Ego a reprimir e, depois, a dissolver o Complexo de Édipo; a consciência moral que pressupõe a atividade de auto-observação e, supõe um juízo de avaliação bem como a punição da 'infração' - com os sentimentos de culpa inevitáveis.

Mas como ele mostrará em *O Mal-Estar na Civilização*, o Superego tem, entre suas principais funções, atender a uma necessidade que transcende ao indivíduo. Ele se constitui em um dos meios mais poderosos que a civilização dispõe para minimizar e, até mesmo suprimir, a agressividade dos indivíduos contra ela.

Desde 1910/1909, em "A Concepção Psicanalítica da Perturbação Psicogênica da Visão," que esta idéia o acompanha. Vejamos: "... nossa civilização ... se origina, principalmente, à custa dos instintos sexuais componentes e que estes têm de ser suprimidos, restringidos, transformados e dirigidos para objetivos mais elevados, a fim de que se possam estabelecer as construções psíquicas da civilização." (p. 201)

O Superego é o resultado da herança filogenética e,

---

1 - Vide *O Mal-Estar na Civilização*, p.37 e ss. dessa dissertação



é "o herdeiro do Complexo de Édipo". É o primeiro Superego, fi logenético, que perpetua "a tradição e os duradouros julgamentos morais" elaborados pela comunidade humana ao longo de sua existência e, provoca a dissolução do Complexo de Édipo. O se gundo, ontogenético, "herdeiro do Complexo de Édipo", é resultado das "primeiras escolhas objetais pertencentes ao primeiro período sexual e relacionadas ao pai e à mãe parecem normalmente encontrar seu desfecho numa identificação desse tipo, que reforçaria a primária". (p. 46) Ou seja, ocorre uma dessexualização ou sublimação dos impulsos libidinais até então investidos nas representações dos pais; que agora, são introduzidos no Ego através do mecanismo da identificação.

Simultaneamente, ocorre uma des fusão instintiva, com a liberação da agressividade, que acarreta um aumento da severidade do Superego. "As mesmas figuras que continuam a operar no Superego como a instância que conhecemos por consciência, após terem deixado de ser objeto dos impulsos libidinais do id - essas figuras pertencem ao mundo externo real. É daí que elas foram tiradas; seu poder, por trás do qual jazem escondidas todas as influências do passado e da tradição, foi uma das manifestações de realidade mais intensamente sentidas. Em virtude dessa ocorrência, *o superego, o substituto do Complexo de Édipo, também se torna um representante do mundo externo real e, assim, torna-se igualmente um modelo para os esforços do ego."*<sup>1</sup>

O que nos interessa ainda ressaltar é que, mesmo esta primeira identificação com os pais, se dá apenas com alguns

---

1 - "O Problema Econômico do Masoquismo", p. 209.

aspectos representados psiquicamente de suas pré-histórias, en quanto modelos de identificação.

Na formação do Complexo de Édipo temos de considerar seus dois tempos de constituição. Veremos apenas o que acontece com os meninos uma vez que é suficiente para nossos propósitos.

No primeiro tempo, pré-edípiano, onde ainda não existe discriminação entre 'eu - não eu', o menino se identifica com o pai. Esta é uma identificação *primária* por que "direta e imediata", anobjetal. Ao mesmo tempo, a mãe é tomada como objeto de sua libido oral, por ser ela a portadora do seio. Esta relação objetal com a mãe "é o protótipo de uma escolha de objeto segundo o modelo anaclítico" (p. 46). As consequências são: o menino se masculiniza pela identificação primária com o pai e, aprende a realizar uma escolha de objeto, pela sua relação com a mãe.

Como uma das consequências da crescente discriminação alcançada entre 'eu - outro, diferente de mim' e, do desenvolvimento psicosssexual (e aqui, há que se considerar o papel das protofantasias; especialmente, a da cena primária), o menino ingressa na fase conflitiva da situação triangular.

O menino então realiza uma segunda identificação com o pai sô que agora como *rival* pelo amor da mãe, elo comum entre eles; e, escolhe a mãe como objeto de sua libido fática. Temos então, no Édipo positivo, quatro identificações: duas com o pai - a primária e, enquanto rival - e, duas com a mãe - a anaclítica acima referida e, enquanto objeto perdido de sua libido fática.

No Édipo negativo, sempre presente em razão da bissexualidade constitucional e da ambivalência de sentimentos que ela acarreta, temos a situação inversa: o menino se identifica com a mãe enquanto rival uma vez que deseja tomar o seu lugar como objeto de amor de seu pai; logo, escolhe o pai como objeto de sua libido fálica - além das outras duas invertidas.

A diferença anatômica entre os sexos até então não reconhecida fazia com que houvesse uma supervalorização do 'falo' como meio de contra-arrastar a angústia de castração. Este é o outro fator decisivo para a dissolução do Complexo de Édipo além da bissexualidade inata. O reconhecimento desta diferença coincide com o início da fase de dissolução da situação edipiana.

Nesta fase de dissolução temos: o menino preserva a sua identificação primária com o pai e realiza uma terceira identificação com ele enquanto objeto perdido de sua libido fálica. Com a mãe a situação é mais complexa: preserva a identificação primária (pai e mãe confundidos), mantém a relação anaclítica do primeiro tempo edipiano só que agora reforçada pela identificação que realiza com ela enquanto objeto perdido de sua libido fálica e, ao mesmo tempo, enquanto objeto oral perdido.

Portanto, esta identificação anaclítica, pós-objetal, com a mãe é independente do Complexo de Édipo. Ela ocorre em virtude de a mãe se constituir sempre em objeto oral da libido, por ser ela a portadora do seio. E, nesta medida, a dissolução da situação edípica está, fundamentalmente, dependente do destino da catexia do objeto oral.

Partindo da distinção realizada por Freud entre as noções de 'objeto' e de 'modelo de identificação' ao explicar a

formação do Complexo de Édipo, no menino, Trespalácios<sup>1</sup> utiliza o conceito de identificação com o agressor, de Ana Freud, para destacar o problema da escolha de objeto de identificação como um complicador importante se considerada a prática clínica.

Neste sentido, tanto a formação como a dissolução do Complexo de Édipo está também na dependência do tipo de identificação realizada: com a pessoa que gratifica ou com o agressor.

A hipótese de que "Se o ego, na realidade, não conseguiu muito mais do que uma repressão do complexo, este persiste em estado inconsciente no id e manifestará mais tarde o seu efeito patogênico"<sup>2</sup> precisa ser revista uma vez que está relacionada com a idéia de que o complexo edípico deve ser "destruído", "abolido", da vida mental. Esta é uma idéia excessiva e desnecessária. Há que se considerar se o Ego é capaz de utilizar outros mecanismos defensivos que não a repressão, para fazer frente às ansiedades desta situação.

Vejamos melhor em que consiste esta fase de dissolução do Complexo de Édipo e o que, na verdade, significa "sujeição ao id". Discutindo o caso do "Pequeno Hans" (1909) Freud afirma que:

A análise substituiu o processo de repressão, que é um processo automático e excessivo, por um controle moderado e resolutivo da parte das mais altas instâncias da mente. Numa palavra, a análise substituiu a repressão pela condenação. (p. 150)

1 - Vide sua tese, p. 142. Contudo, lembrar que para Freud só existe identificação defensiva nos casos de luto e melancolia, por perda do objeto de amor.

2 - "A Dissolução do Complexo de Édipo" (1924), p. 222.

O juízo de condenação é uma forma de defesa adequada por que permite ao Ego que todas as representações mnêmicas sejam catexizadas; e, até mesmo em grau elevado - ao contrário, por exemplo, do que acontece com a repressão.

Assim sendo, ele se constitui, na verdade, em uma forma de secundarização dos processos psíquicos envolvidos (Barros<sup>1</sup>) uma vez que implica na atenuação e, em vinculação do desejo a um processo do pensamento. Por esta razão, o Ego não precisa mais reprimir o Complexo de Édipo.

O que implica dizer que ele só é possível em etapas evolutivas mais desenvolvidas onde o Ego já se constitua em uma estrutura suficientemente forte para suportar um nível maior de tensão e, ao mesmo tempo, seja capaz de evitar um grau excessivo quando da recatexização da imagem mnêmica do objeto hostil.

Um Ego, portanto, capaz de aproveitar a sua experiência anterior (que, inevitavelmente, inclui representações do objeto hostil assim como outras representações que, em etapas anteriores, foram reprimidas por acarretarem tensão excessiva ou conflito) em benefício de um melhor ajustamento à realidade.

Encontramos na "Quinta Lição de Psicanálise" (1910/1909) argumento de apoio para esta consideração.

Por causa das repressões, o neurótico perdeu muitas fontes de energia mental que lhe teriam sido de grande valor na formação do caráter e na luta pela vida. Conhecemos uma solução muito mais conveniente, ... a sublimação, pela qual a energia dos desejos infantis não se anula mas ao contrário permanece utilizável ... (p.49-50)

---

1 - Barros, C.P. Em comunicação pessoal.

Daí, por que Freud defende como objetivo terapêutico da Psicanálise: "*Onde estava o id, ali estará o ego.*" (*Conferência XXXI*, p. 102)

Ou seja, "fortalecer o ego, fazê-lo mais independente do superego, ampliar seu campo de percepção e expandir sua organização, de maneira a poder assenhorear-se de novas partes do id." (idem) - nisto consiste a "sujeição do ego ao id" uma vez que o Superego pode atuar como o representante do Id junto ao Ego.

Esta independência relativa é importante por que um Superego muito rígido não só implica em uma consciência moral excessivamente vigilante mas também em uma severa restrição da sexualidade, de onde retira as energias necessárias para se impor ao Ego e dominá-lo sadicamente.

Temos ainda que considerar que "A volta do sadismo contra o eu (*self*) ocorre regularmente onde uma supressão cultural dos instintos impede que grande parte dos componentes instintuais destrutivos do indivíduo seja exercida na vida. ... essa parte do instinto destrutivo que se retirou, aparece no ego como uma intensificação do masoquismo." ("*O Problema Económico do Masoquismo*", p. 211-212) Isto é, a um Superego sádico corresponde um Ego masoquista. Por esta razão, Freud afirma, como um dos principais problemas da civilização ocidental, os sentimentos de culpa que 'podem atingir alturas que o indivíduo considere difícil de suportar.'<sup>1</sup>

---

1 - Vide p. 37 a 44 desta dissertação sobre os sentimentos de culpa.

Mas, como ele irá mostrar em *O Mal-Estar na Civilização*, "O Superego ... não tem motivos para maltratar o ego, ... contudo, a influência genética, que conduz à sobrevivência do que passou e foi superado; faz-se sentir no fato de, fundamentalmente, as coisas permanecerem como eram de início." (p. 148-149) Freud está aqui fazendo apelo não só à hipótese da horda primitiva mas, basicamente, enfatizando a íntima relação que existe entre o Superego e o Instinto de Morte.

É através do Superego e de suas relações com o Ego - na medida em que se constituem em "um retorno deformado de um desejo, dos relacionamentos reais existentes entre o ego, ainda individualizado, e um objeto externo..." (1930, p. 153) - que a realidade externa se impõe como referência normativa. Isto porque é ela que provê os modelos de identificação e, nesta medida ela satisfaz não apenas as necessidades de desenvolvimento do indivíduo mas também da civilização. Tanto que Freud chegou mesmo a falar de um 'Superego cultural' cuja expressão maior seria a Ética. Em sua perspectiva, a Ética corresponde, a nível social, "a uma tentativa terapêutica" uma vez que "os juízos de valores do homem acompanham diretamente seus desejos de felicidade, e que, por conseguinte, constituem uma tentativa de apoiar com argumentos suas ilusões." (1930, p. 166 e 170).

#### 4.5 - As relações entre o Ego, Id e Superego

É em seu estudo dos quadros psicopatológicos de neurose obsessiva, melancolia e histeria; assim como do fenômeno clínico da "reação terapêutica negativa" que Freud explicita as inter-relações entre o Ego, o Id e o Superego.

O Superego, sub-estrutura diferenciada do Ego, tem a "capacidade de manter-se à parte do ego e de dominá-lo" (p. 64) em razão de suas origens. De um lado, ele é "uma reencarnação de antigas estruturas do ego que deixaram seus precipitados no id." (p. 65) Ou seja, ele é a parte do Ego que representa e expressa a espécie humana em suas duas dimensões constitutivas: biológica e social. De outro, ele é o "herdeiro do Complexo de Édipo" isto é, ele é uma estrutura consolidada a partir da introjeção no ego das identificações materna e paterna, p<sub>ós</sub>-objetal. Nesta medida, ele se torna o representante do mundo externo dentro do aparelho psíquico assumindo a função de modelo para o Ego.

O Id é a fonte de onde o Superego retira as energias de que necessita para o seu funcionamento. Daí, por que "acha-se mais distante da consciência ... que o ego." Ele não tem meios de "demonstrar ao ego amor ou ódio. Ele ... não alcançou uma vontade unificada." (p. 76)

Do Ego, o Superego mantém os "resíduos verbais p<sub>r</sub>é-conscientes" a partir dos quais se formou (os 'ouvidos', em especial) e, através dos quais seus conteúdos podem vir a se tornar conscientes.

Para responder à questão: "Como é que o superego se manifesta essencialmente como sentimento de culpa ... e, além disso, desenvolve tão extraordinária rigidez e severidade com o ego?" (p. 69) é que Freud examinou os fenômenos clínicos.

O que a 'reação terapêutica negativa' demonstra não



é apenas uma forma de resistência<sup>1</sup> mas a possibilidade de os sentimentos de culpa inconscientes se constituírem, também em uma forma de satisfação da tendência masoquista, presente em todos; e, nesta medida são considerados como um fator "extremamente difícil de superar" no tratamento de neuroses graves. Correspondem, normalmente, à percepção pelo Ego das críticas superegóicas. Nos casos de 'masoquismo moral', por exemplo, correspondem a uma des fusão dos Instintos de Vida e Morte. "Podemos traduzir a expressão 'sentimento de culpa inconsciente' como significando uma necessidade de punição às mãos de um poder paterno".<sup>2</sup>

A luta com o obstáculo de um sentimento inconsciente de culpa não é fácil para o analista. Nada pode ser feito contra ele diretamente, e também nada indiretamente, exceto o lento processo de descobrir suas raízes reprimidas inconscientes e, assim, transformá-lo num sentimento consciente de culpa. (p. 66)

Suas raízes estão ligadas ao Complexo de Édipo, como mostrado anteriormente e, nesta medida, Freud "introduz a culpa como relação inter-sistêmica no seio do aparelho psíquico."<sup>3</sup> É a existência deste vínculo que permite que a severidade excessiva do Superego possa vir a ser atenuada com o tratamento psicanalítico.

Nas neuroses obsessivas, os sentimentos de culpa são conscientes e aparecem como auto-recriminações, idéias obsessivas e vergonha. Aqui, eles expressam impulsos libidinais que

1 - Pela classificação proposta em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926) temos aqui em ação dos dois tipos de resistência: do Ego, a vantagem secundária da doença e, do Superego a necessidade de punição ou castigo.

2 - "*O Problema Econômico do Masoquismo*" (1924), p. 211.

3 - Laplanche e Pontalis - *Vocabulário da Psicanálise*, p. 616.

foram reprimidos e, portanto, censuráveis. A relação objetal é mantida pelo Ego mas através do mecanismo de formação reativa os impulsos amorosos são transformados em impulsos agressivos que se dirigem contra o objeto e não contra o Ego. Este se rebela, não aceitando as críticas do Superego. "... (o Ego) luta contra esses objetivos (agredir e destruir) com formações reativas e medidas precautórias; eles permanecem no id." (p. 70)

Nos casos de melancolia existe "uma verdadeira clivagem entre acusador (o superego) e acusado"<sup>1</sup> decorrente da identificação maciça com o objeto perdido. Os sentimentos de culpa aparecem como auto-acusações, autodepreciação e uma forte tendência para a auto-punição que pode levar ao suicídio. "O que está influenciando agora o superego é, ..., uma cultura pura do instinto de morte" (p. 69); por esta razão, o risco de suicídio, o que não acontece nas neuroses obsessivas.

Com a histeria é o próprio Ego que, reprimindo as críticas do Superego, gera os sentimentos de culpa e a angústia. A libido desvinculada do seu representante ideativo não sofre conversão e é liberada em forma de angústia livre

Para explicar a melancolia, Freud afirma que "quanto mais um homem controla a sua agressividade para o exterior, mais severo - isto é, agressivo - ele se torna em seu ideal do ego. .... É como um deslocamento, uma volta contra seu próprio ego. Mas mesmo a moralidade normal e comum possui uma qualidade severamente restritiva, cruelmente proibidora." (p. 71)

---

1 - Laplanche e Pontalis - Vocabulário da Psicanálise, p. 616

Em seu artigo posterior "*Neurose e Psicose*" (1924/1923) Freud considera a melancolia como uma forma de 'neurose narcísica' por ser ela resultado de um conflito entre o Ego e o Superego; enquanto que as neuroses transferenciais são distúrbios da relação entre o Ego e o Id. E, em seu segundo artigo, "*A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose*" (1924) Freud indicará um outro fator: nas neuroses não há uma remodelagem da realidade como nas psicoses embora haja um afrouxamento das relações entre o Ego e a realidade externa.

A partir de sua hipótese de que a identificação paterna resultante da dissolução do Complexo de Édipo "tem a natureza de uma dessexualização ou mesmo de uma sublimação" Freud postula a simultaneidade de uma des fusão instintiva. Esta acarreta um tipo de masoquismo que é parte componente da libido e, ao mesmo tempo, tem no Ego o seu objeto de satisfação. Ele pode ser reforçado pela reintrodução no Ego de parte do sadismo que havia sido deslocado para fora - masoquismo secundário.

No 'masoquismo moral' há um afrouxamento da vinculação com a sexualidade. O próprio sofrimento é o que importa, seja qual for, venha de onde vier. "O superego - a consciência em ação no ego - pode então tornar-se dura, cruel e inexorável contra o ego que está a seu cargo. O Imperativo Categórico de Kant é assim, o herdeiro direto do complexo de Édipo." (p. 208-209)<sup>1</sup>

Em 1923, Freud reafirma as funções anteriormente atribuídas ao Ego ressaltando que quanto ao controle da motilidade "a posição do ego é semelhante à de um monarca constitucional,

---

1 - "*O Problema Econômico do Masoquismo*" (1924).

sem cuja sanção nenhuma lei pode ser aprovada, mas que hesita longo tempo antes de impor seu veto a qualquer medida apresentada pelo parlamento." (p. 72) Esta metáfora condensa várias idéias de Freud; entre elas: 'a vida é árdua demais para nós'; "Em sua posição a meio caminho entre o id e a realidade, muito freqüentemente (o ego) se rende à tentação de tornar-se sincopanta, oportunista e mentiroso..." (p. 73)

Acrescenta-lhe ainda uma outra função: é a "sede real da ansiedade". Ponto de vista que será revisto nos anos seguintes. Em 1926, Freud toma a situação do nascimento como protótipo de todas as situações de perigo posteriores e, considera que o Ego pode vir a reproduzir "por sua própria iniciativa" o sinal de angústia como um meio de evitar o desprazer.

Em 23, são apontados quatro situações de perigo: "não satisfação de uma crescente tensão devido à necessidade, contra a qual ela (bebê) é inerte"; perda do objeto de amor (mãe); ansiedade de castração e, ansiedade moral ou medo do Superego ou da consciência.

Dependendo de qual seja a fonte de perigo (mundo externo, Id ou o Superego) três tipos de ansiedades são geradas. Entretanto ele afirma que "O que o Ego teme do perigo externo e do libidinal não pode ser especificado; sabemos que o medo é de ser esmagado ou aniquilado, mas ele não pode ser analiticamente compreendido. O ego está simplesmente obedecendo ao aviso do princípio do prazer." (p. 74) Esta é a sua conclusão em 23.

Pressionado de todos os lados, o Ego desenvolve o comportamento de fuga diante do objeto hostil; que, posteriormente,

poderá ser reforçado por medidas de proteção fóbicas. E, de agressão diante do objeto 'nocivo'.

Nesta ocasião, o temor de castração é considerado como núcleo em torno do qual se desenvolve todos os outros medos inclusive o da morte. Freud discorda da suposição inversa que vê no medo da morte a origem de todos os medos do homem. Seu argumento é: o conceito de morte é "abstrato com um conteúdo negativo para o qual nenhum correlativo inconsciente pode ser encontrado. Pareceria que o mecanismo do medo da morte só pode ser o fato de o ego abandonar em grande parte sua catexia libidinal narcísica. ... o medo da morte é algo que ocorre entre o ego e o superego." (p. 75) Ou seja, é na relação entre Ego e o Superego que todos os medos ganham sentido pleno e, mais, a tensão entre eles é que reforça os sentimentos de culpa 'inatos'.

CAPÍTULO 5 - CONFERÊNCIA XXXI: A DISSECAÇÃO DA PERSONALIDADE  
PSÍQUICA (1933/1932)

É a partir da idéia de que a clivagem entre o Ego e o Superego pode "ser um aspecto regular da estrutura do ego" que Freud desenvolve as noções apresentadas em *O Ego e o Id*.

Conquanto a consciência seja algo 'dentro de nós', ela, mesmo assim, não o é desde o início. Nesse ponto, ela é um contraste real com a vida sexual, que existe de fato desde o início da vida e não é apenas um acréscimo posterior. (p. 80)

Se, de início, a função da consciência é assumida pelos pais; mais tarde, ela é internalizada através das identificações realizadas pela criança, de acordo com o modelo do Superego de seus pais; e, enquanto resíduos de catexias objetivas abandonadas, permanecem daí por diante em uma parte diferenciada no Ego.

As identificações posteriores com outros modelos e, até mesmo com os próprios pais em fases ulteriores da vida, não influenciam o Superego mas modificam o Ego, contribuindo para a formação de seu caráter.

Freud retoma a diferenciação de 1914 entre agente auto-observador e ideal do ego e diz que, do ponto de vista estrutural, o Superego "é também o veículo do ideal do ego, pelo qual o ego se avalia, que o estimula e cuja exigência por uma perfeição sempre maior ele se esforça por cumprir. ... esse ideal do ego é o precipitado da antiga imagem dos pais, a expressão de admiração pela perfeição que a criança então lhes atribuía." (p. 84) Como se vê, Freud introduz algumas modificações

às formulações de 14: ideal do ego não se confunde mais com o ego ideal - enquanto este é expressão do retorno ao narcisismo primário, o ideal do ego surge como um afastamento imposto de fora do narcisismo secundário. Já em 1923 ele ampliara a noção de narcisismo secundário, indicando-o como um dos meios que o Ego coeso se utiliza para tentar submeter as exigências do Id ao seu controle - oferece-se ao Id como um objeto amoroso procurando assim tornar-se o alvo das catexias objetais eróticas.

Reafirma que se a situação edípica não for plenamente superada, "o superego é tolhido em sua força e crescimento." (p. 83) O que pela suas funções de "representante de todas as restrições morais, o advogado de um esforço tendente à perfeição" (p. 86) acarreta sérias dificuldades e limitações não só para o indivíduo como para o grupo social, como um todo, visto que:

A humanidade nunca vive inteiramente no presente. O passado, a tradição da raça e do povo, vive nas ideologias do superego e só lentamente cede às influências do presente, no sentido de mudanças novas; e, enquanto opera através do superego, desempenha um poderoso papel na vida do homem, independentemente de condições econômicas. (p. 87)

A partir de sua concepção de que tanto o Ego como o Superego têm partes inconscientes, Freud desenvolve os sentidos possíveis do termo 'inconsciente': 1) descritivo - "um processo psíquico cuja existência somos obrigados a supor ... a partir de seus efeitos -, mas do qual nada sabemos" (p. 90); 2) dinâmico - temos dois inconscientes: o latente (Pcs.) por maior que seja a sua intensidade catética e, o reprimido "permanentemente inconsciente"; 3) sistemático ou topográfico - designa uma 'região mental', uma estrutura e não mais uma qualidade co

mo nos sentidos anteriores. É o Id, cuja principal característica é "o fato de ser alheia ao ego .... (é) a parte obscura, a parte inacessível da personalidade." (p. 92 e 94)



## CONCLUSÕES

Como conclusão apresentaremos uma síntese das idéias discutidas neste trabalho e tentaremos problematizar as relações entre as instâncias psíquicas apontando a sua relevância para uma possível "teoria social" da Psicanálise.

O Ego foi caracterizado em sua origem, estruturação e dinâmica - como resultado da secundarização dos processos psíquicos primários em função de complexas relações que o psiquismo mantém com os processos endógenos e com os do mundo externo.

Indicamos as experiências de satisfação e de dor como ponto de partida dos processos primários e secundários que organizam a nossa vida mental. Destacamos a idéia de que é na relação com o mundo exterior - linguagem e, as figuras parentais consideradas tanto como modelos de identificação como objetos da pulsão - que o aparelho psíquico se constitui.

A realidade externa foi considerada em suas quatro dimensões básicas: atualizadora do potencial filogenético, hereditário e constitucional; provedora dos objetos adequados à satisfação das necessidades somáticas e psíquicas; articuladora do mundo interno com o externo (linguagem); e, objeto da ação intencional dos indivíduos: objeto de conhecimento e de domínio físico.

Procuramos delimitar os diferentes sentidos nos quais o termo 'ego' foi empregado por Freud, ao longo de sua obra, visando estabelecer o itinerário de idéias que o levaram à concepção

ção topográfica do aparelho psíquico; especialmente, a de 1923.

Apresentamos duas contribuições, elaboradas por Barros<sup>1</sup> e Trespalácios<sup>2</sup>, que complementam as formulações freudianas tanto no que se refere aos sistemas como aos tipos de impulsos que operam no psiquismo e o constituem.

Com elas torna-se possível repensar a dupla referência que os acontecimentos humanos têm - os processos inconscientes e conscientes de sua motivação e transcurso. Vejamos.

Uma vez que o Ego se estrutura a partir de dois sistemas - Perceptual e Mnêmico - não são muitos de seus processos ocorrem inconscientemente como fica justificado o caminho proposto por Freud de tornar o inconsciente, consciente.

Além disto, nele operam dois tipos de impulsos - de identificação e libidinal. Só assim organizado o Ego é capaz de cumprir com as suas funções - todas elas vinculadas à tarefa de auto-preservação e, preservação da espécie. Dispõe de mecanismos próprios de regulação em que se destacam a atividade de pensamento secundarizado, o teste de realidade e os mecanismos de defesa.

O Id é a primeira e a mais antiga estrutura do aparelho. É a partir dele que as outras instâncias se diferenciam e é nele que encontram as energias<sup>3</sup> que necessitam para operar;

---

1 - Barros, C.P. em Comunicação pessoal.

2 - Trespalacios, Rosa M.M. Tese Mestrado, PUC/RJ, 1979.

3 - Os instintos do Id são "compostos de fusões de duas forças primárias (Eros e Tanatos) em proporções que variam e se diferenciam umas das outras por sua relação com órgãos ou sistemas de órgãos. O único e exclusivo impulso destes instintos é no sentido da satisfação"... (1940, p. 227)

guardando entre si, portanto, relações de interdependência mútua.

É caracterizado não só a partir dos processos psíquicos que nele atuam como pelo tipo de poder que exerce na atividade anímica - expressão do "verdadeiro propósito da vida do organismo do indivíduo". (1940, p. 173)

Por analogia, podemos dizer que o Superego - o outro 'representante das influências do passado' - expressa o verdadeiro propósito da vida do organismo social. Qual seja, a de limitar a satisfação dos impulsos instintivos com a finalidade de induzir o indivíduo a realizar o esforço de se apropriar do passado cultural e de contribuir para o desenvolvimento de seus bens próprios.

Procuramos salientar as duas vertentes de determinação dos fenômenos da vida, individual e coletiva, propostas por Freud. De um lado, o psiquismo humano se funda a partir do biológico e do social - ambos incidindo tanto na filogênese como na ontogênese.

Por outro lado, temos a organização social que se origina e se desenvolve a partir das restrições impostas à sexualidade humana. É dela que são retiradas as energias necessárias aos processos de preservação e desenvolvimento da civilização. Daí, a incompatibilidade entre indivíduo e sociedade. Esta idéia de uma hostilidade inevitável e inamovível põe em cheque os mitos sobre o progresso e as vantagens da organização social tal como a conhecemos.

Freud vê no Superego, "o herdeiro do Complexo de Édipo", o correlato psíquico de dois fatos biológicos fundamentais

tais: o desamparo e a prolongada dependência dos pais na infância e, o desenvolvimento bifásico da sexualidade humana.

É através das relações entre o Ego e o Superego que se articulam os determinantes da estrutura social com os da espécie biológica. Por isto mesmo, o Superego é concebido como uma sub-estrutura egôica. A tensão entre eles encontra expressão nos sentimentos de culpa que, se inconscientes, aparecem como um sentimento de mal-estar.

Em 1927, Freud reelabora o conceito de Superego apresentando-o como um dos meios mais poderosos que a civilização dispõe para minimizar os impulsos agressivos do homem. Esta íntima vinculação entre os conceitos de Superego e Instinto de Morte prende-se à sua convicção de que *todos* os fenômenos da vida, individual e coletiva, originam-se da ação combinada ou corrente entre Eros e Tanatos - operante em toda a estrutura mental e social - aliada às exigências da realidade externa.

Em carta a Romain Rolland<sup>1</sup>, Freud se refere aos seus esforços de compreensão das relações sociais entre os homens, a partir de suas descobertas de Psicologia individual, como "um salto atrevido".

Recusando os termos de uma visão idealista sobre o homem e sua história, Freud contrapõe uma visão trágica, no sentido grego do termo, que permite romper com a escravidão humana em dois aspectos fundamentais: legítima a ambivalência de seus sentimentos e a irracionalidade de suas ações uma vez que os expressa em um discurso teórico. Questiona os ideais éticos e cul

---

1 - De Janeiro de 1936, citado por Ureña na p. 79 (FGW XVI, 250)

turais denunciando-os como um problema que requer discussão visto que o empenho pela 'liberdade', 'justiça' e 'fraternidade' está, indissociavelmente, ligado a uma visão idealista e falsa da natureza humana. A história humana é a história de uma luta encarniçada pela sobrevivência e não pela 'felicidade'.

A P É N D I C E S

## NOTAS SOBRE OS ESQUEMAS I E II

O esquema II nos mostra a vinculação entre a representação da coisa e a representação da palavra indispensável à secundarização dos processos psíquicos primários e à prova de realidade. Contudo, se aliados os esquemas I e II, um ao outro, podemos utilizá-los para um outro fim: o de representar a situação de repetição da experiência de fome em um bebê. Vejamos como podemos desdobrá-los em uma explicação também esquemática:

A falta de alimentação no estômago (1) produz um estado de tensão neuronal em Psi nuclear (1'). Psi pallium que tem armazenada a representação dos resíduos mnêmicos da tensão da necessidade (fome; 1b) é ativado.

Movido pela fome, o bebê chora (3) e, ao mesmo tempo, ele percebe proprioceptivamente, o que está acontecendo em seu corpo (3a) e recatexiza a imagem mnêmica da expressão da sua emoção (3b).

Se o objeto-seio (2) é apresentado ao bebê neste momento, ele o percebe (2a) e, simultaneamente, recatexiza a imagem mnêmica do seio (2b). Lembrar que são vários os resíduos de traços mnêmicos do seio que estão armazenados: a visão do seio, as impressões táteis, os sons que a mãe emite, o gosto, o cheiro, os seus movimentos. Estamos considerando no esquema apenas um, por facilidade de representação gráfica.

O movimento reflexo da sucção (4) será imediatamente acionado e, no caso de o objeto ser real, a ingestão do leite reduzirá o nível da tensão da necessidade somática, acompanhado da percepção (4a) e da recatixização da representação psíquica

tanto dos movimentos motores realizados na sucção (4b) co  
mo da representação do alívio da tensão e, da representaa  
ção da sensação de prazer conseqüente.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAND, A. Um exame do conceito freudiano de "Instinto de Morte", tese de Mestrado, PUC/RJ, 1977.
- BORGES, M.L.X. de A. O conceito de realidade na Metapsicologia, tese de Mestrado, PUC/RJ, 1976.
- CLÈMENT, C.B. "Suelo Freudiano y Mutaciones del Psicoanálisis" in Por una crítica marxista de la teoría psicoanalítica, Gráfica Editor, Argentina, 1974.
- ENRIQUEZ, E. De La Horde À L'État. Essai de psychanalyse du lien social; Gallimard, Paris, 1983.
- FREUD Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud; Imago Editora Ltda., RJ.
- Projeto para uma Psicologia Científica (1950/1895), vol. I, 1977.
  - "As Neuropsicoses de Defesa" (1894), vol. II, 1972.
  - A Interpretação dos Sonhos (1900/1899), vol. V, 1972.
  - Três Ensaio sobre a Sexualidade (1905), vol. VII, 1972.
  - "Moral Sexual 'Civilizada' e Doença Nervosa Moderna" (1908), vol. IX, 1976.
  - "Análise de uma fobia em um menino de cinco anos" - O Caso do Pequeno Hans (1909), vol. X, 1ª edição.
  - "A Concepção Psicanalítica da Perturbação Psicogênica da Visão" (1910), vol. XI, 1970.
  - Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância (1910), vol. XI, 1970.
  - "Cinco Lições de Psicanálise" (1910/1909), vol. XI, 1970.
  - "Notas Psicanalíticas Sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranóia" - O Caso Schreber (1911), vol. XII, 1ª edição.
  - "Formulações Sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental" (1911), vol. XII, 1ª edição.

- "Uma Nota Sobre o Inconsciente na Psicanálise" (1912), vol. XII, 1ª edição.
- Tótem e Tabu (1912), vol. XIII, 1974.
- "Sobre o Narcisismo: Uma Introdução" (1914), vol. XIV, 1974.
- "O Inconsciente" (1915), vol. XIV, 1974.
- "Os Instintos e suas Vicissitudes" (1915), vol. XIV, 1974.
- "A Repressão" (1915), vol. XIV, 1974.
- "Luto e Melancolia" (1917/1915), vol. XIV, 1974.
- "Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos" (1917/1915), vol. XIV, 1974.
- Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (1915-1916-1917), vol. XVI, 1976:
  - . Conferência nº XIX - Resistência e Repressão.
  - . Conferência nº XXII - Algumas idéias sobre Desenvolvimento e Repressão. Etiologia.
  - . Conferência nº XXV - A Ansiedade.
  - . Conferência nº XXVI - A Teoria da Libido e o Narcisismo.
- Além do Princípio do Prazer (1920), vol. XVIII, 1976.
- Psicologia de Grupo e Análise do Ego (1921), vol. XVIII, 1976.
- O Ego e o Id (1923) vol. XIX, 1976.
- "Neurose e Psicose" (1924/1923), vol. XIX, 1976.
- "Uma Breve Descrição da Psicanálise" (1924/1923), vol. XIX, 1976.
- "O Problema Econômico do Masoquismo" (1924), vol. XIX, 1976.
- "A Dissolução do Complexo de Édipo" (1924), vol. XIX, 1976.
- "A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose" (1924), vol. XIX, 1976.
- "Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos" (1925), vol. XIX, 1976.
- Inibição, Sintoma e Angústia (1926/1925), vol. XX, 1976.
- O Futuro de uma Ilusão (1927), vol. XXI, 1974.
- O Mal-Estar na Civilização (1930/1929), vol. XXI, 1974.
- Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (1933/1932), vol. XXII, 1976.
  - . Conferência XXXI - A Dissecação da Personalidade Psíquica.
  - . Conferência XXXII - Ansiedade e Vida Instintual.

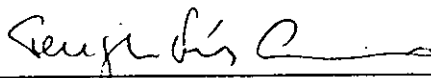
- . Conferência XXXV - A Questão de uma Weltanschauung.
- "Por que a Guerra?" Carta a Einstein (1933/1932), vol. XXII, 1976.
  - Moisés e o Monoteísmo. Três Ensaios (1939/1934-1938), vol. XXIII, 1975.
  - Esboço de Psicanálise (1940/1938), vol. XXIII, 1975.
- GRINBERG, L. Teoría de la Identificación; Editorial Paidós, Argentina, 1976.
- JOHNSTON, W.M. The Austrian Mind. An Intellectual and Social History - 1848/1938; University of California Press, 1976.
- JONES, E. Vida y Obra de Sigmund Freud; Editorial Nova; Buenos Aires, Argentina, vol. II, 1962.
- LAPLANCHE e PONTALIS. Vocabulário da Psicanálise; Moraes Editores, Portugal, 1977.
- . "Fantasia originária, fantasia de los orígenes, origen de la fantasia" in El Inconsciente freudiano y el psicoanálisis francés contemporáneo, Ediciones Nueva Visión, Argentina, 1976.
- LÉVI-STRAUSS, C. As Estruturas Elementares do Parentesco; Editora Vozes, RJ, 1976.
- MÜLLER, E.C. A Metapsicologia de Sigmund Freud como uma Neuropsicologia, tese de Mestrado, PUC/RJ, 1976.
- RIEFF, P. Freud, Pensamento & Humanismo; Interlivros Editora, MG, 1979.
- SÁ EARP. A.C. Uma Reavaliação Metapsicológica dos Conceitos de Defesa, Repressão e Resistência; tese de Mestrado, PUC/RJ, 1973.
- SÈVE, L. "Psicanálise e Materialismo Histórico" in Encontros com a Civilização Brasileira, RJ, nº 21, ano 1980.
- TRESPALÁCIOS, R. M.M. Narcisismo, Identificação e Constituição do Ego; tese de Mestrado, PUC/RJ, 1979.

UREÑA, E.M. La Teoría de la Sociedad de Freud. Represión y Liberación; Editorial Tecnos, Madrid, 1977.

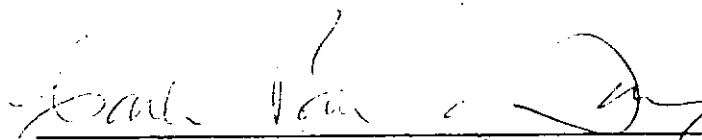
Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/  
RJ, e aprovada pela Comissão Julgadora, formada pelos seguin  
tes professores:



Prof<sup>a</sup> Dra. ANAMARIA RIBEIRO COUTINHO  
Depto. de PSICOLOGIA - PUC/RJ  
- Orientadora -



Prof<sup>a</sup> Dra. Terezinha Féres Carneiro  
Depto. de PSICOLOGIA- PUC/RJ



Prof. Dr. CARLOS PÄES DE BARROS  
Depto. de PSICOLOGIA - PUC/RJ

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, Dezembro de 1984.



VERA MARIA FERRÃO CANDAU  
Coordenadora dos Programas de Pós-Gra  
duação do CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊN  
CIAS HUMANAS: